



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS  
EDUCATIVAS DO DOURO**

# **A Música Potenciadora de Aprendizagem**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada**

**Joana Glória Lopes Mendes**

**Orientadora: Professora Doutora Carla Lopes  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do  
1.º Ciclo do Ensino Básico**

**PENAFIEL**

**2018**





**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS  
DO DOURO**

# **A Música Potenciadora de Aprendizagem**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada  
Joana Glória Lopes Mendes**

Relatório Final apresentado ao Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Doutora Carla Lopes, do Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro.

PENAFIEL

2018



Dedico este trabalho à família e namorado que sempre acreditaram em mim e sempre me apoiaram em todas as minhas escolhas.

## **Agradecimentos**

Obrigada! Foram cinco anos de aprendizagem mútua que levarei sempre no coração. Não podia deixar de mostrar o meu apreço às pessoas que me ajudaram nesta caminhada tão importante para mim, tanto pelo apoio incondicional que me deram, como pelas repreensões que tanto me ajudaram a crescer. À minha família pelo incansável suporte e acompanhamento ao longo deste período, por todos os esforços realizados para me proporcionarem o melhor.

Ao meu namorado Diogo Coelho, pelo acompanhamento nos períodos mais complicados, pela paciência, dedicação e principalmente pela compreensão nos momentos de maior tensão.

A uma minha amiga especial que se revelou uma peça fundamental ao longo deste percurso pois acreditou sempre em mim ajudando-me neste caminho.

Aos meus amigos que foram incansáveis em dar-me força para nunca desistir.

À professora Carla Lopes, por toda a paciência, ajuda e compreensão ao longo da elaboração deste documento. Aos professores/Educadores da Sagrada Família de Penafiel e do Centro Escolar de Penafiel, Paula, Ana, António, Sónia, pelos conselhos dados ao longo destes dois anos que permitiram um crescimento profissional e algumas mudanças de atitude. Pela partilha de informação e pela forma como me integraram no grupo.

Aos professores que fizeram parte do percurso académico e a todos os conhecimentos transmitidos ao longo destes 5 anos que se revelaram importantíssimos para o desenvolvimento pessoal e profissional.

## **Resumo**

O presente relatório foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, encontrando-se organizado em duas partes: a primeira apresenta a dimensão reflexiva e a segunda aborda a dimensão investigativa do trabalho.

Na primeira parte é descrito o percurso de ensino e aprendizagem em contexto de práticas pedagógicas, nomeadamente no ensino pré-escolar e no ensino básico, tendo por base a reflexão sobre as aprendizagens desenvolvidas a nível profissional, pessoal e social. Na segunda parte é apresentado o enquadramento teórico que serviu de ponto de partida à compreensão da importância da interdisciplinaridade no contexto educativo e da forma como a música pode oferecer às crianças, dentro da sala de aula, um ambiente escolar mais animado e cativante, que as torne mais predispostas para aprender, reforçando a premissa que a música é fundamental ao seu desenvolvimento global.

Este trabalho de investigação pretendeu dar uma contribuição para (i) caracterizar o tipo de comportamento das crianças face ao contacto com a música; (ii) compreender e conhecer a opinião das crianças sobre a presença da música no seu percurso escolar e (iii) refletir sobre a importância/influência da música ao longo das respetivas aprendizagens.

Como principal conclusão, salienta-se um superior desempenho escolar por parte dos alunos que utilizam diversos recursos musicais. Isto vem reforçar a possibilidade do uso da música como estratégia na intervenção pedagógica no ensino do 1.º Ciclo.

**Palavras-chave:** Pré-Escolar; 1.º Ciclo; Ensino; Aprendizagem; Educação pela Música.

## **Abstract**

The present master's thesis was elaborated within the scope of the Master's Degree in Pre-School Education and 1st Cycle of Basic Education and it is organized in two parts: the first is about the reflective dimension and the second talk about dimension of work.

The first part describes the course of teaching and learning in the context of pedagogical practices, namely in pre-school and primary education, based on the reflection on the learning developed at a professional, personal and social level. The second part presents the theoretical framework that served as a starting point for understanding the importance of interdisciplinarity in the educational context and how music can offer children, within the classroom, a more lively and captivating school environment, which makes them more predisposed to learn, reinforcing the premise that music is fundamental to its overall development.

This research aimed to contribute to (i) characterize the type of behavior of children in contact with music; (ii) to understand and know the opinion of the children about the presence of music in their school course and (iii) to reflect on the importance / influence of music throughout their learning.

As a main conclusion, there is an apparent superior academic performance on the part of students who use various musical resources. This may show the possibility of using music as a strategy in the pedagogical intervention in the teaching of the 1st Cycle.

**Keywords:** Preschool; 1st Cycle; Teaching; Learning; Education through Music.

## Índice Geral

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	iv
Abstract.....	v
Índice Geral .....	vi
Índice de Figuras .....	viii
Índice de Quadros .....	ix
Índice de Anexos .....	x
Abreviaturas.....	xi
Introdução.....	1
Capítulo I.....	3
Dimensão Reflexiva .....	3
Reflexão sobre a Prática Pedagógica.....	5
1. Prática em Creche .....	6
2. Prática no Jardim-de-Infância.....	9
3. Prática no 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	11
3.1. Intervenção no 2.º ano .....	11
3.2. Intervenção no 4.º ano .....	12
Capítulo II.....	15
Dimensão Investigativa .....	15
Introdução.....	17
1. Enquadramento Teórico .....	21
1.1. A interdisciplinaridade: Estratégia indispensável ao ensino atual.....	21
1.1.2. A interdisciplinaridade no contexto educativo .....	22
1.2. Os contributos da música para o ser humano .....	24
1.3. A importância da música na infância .....	25
1.4. A expressão musical e o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e socio afetivas da criança .....	27
1.5. A música enquanto recurso didático.....	30
1.6. O papel do professor do ensino básico na educação pela música .....	32
2. Metodologia.....	37
2.1. Abordagem Metodológica .....	37
2.1.1. Questão e objetivos de investigação .....	37
2.1.2. Investigar a própria prática .....	38
2.1.3. O contexto da intervenção .....	40
2.1.3.1. Caracterização da Instituição .....	40

2.1.3.2.	Caracterização da Sala do 2.º ano .....	47
2.1.3.3.	Caracterização do Grupo de Crianças .....	49
2.1.3.4.	Caracterização dos sujeitos de investigação.....	52
2.1.4.	A Investigação .....	52
2.1.4.1.	Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	52
2.1.4.2.	Recolha de Dados.....	55
	A prática de observação e a formação docente.....	56
2.1.4.3.	Apresentação e discussão dos resultados .....	58
	Considerações finais .....	63
	Conclusões.....	67
	Referências Bibliográficas.....	73
	Apêndices .....	79

## Índice de Figuras

Figura 1- Sala de aula do 2.º F.....	48
Figura 2- Planta da dala de aulas do 2.º F .....	48

## Índice de Quadros

Quadro 1- Horário de funcionamento do Centro Escolar de Penafiel .....	41
Quadro 2- Horário da porta de entrada do Centro Escolar de Penafiel .....	41
Quadro 3- Recursos humanos do Centro Escolar de Penafiel – Número de discentes ...	44
Quadro 4- Períodos letivos do ano escolar 2016-2017 .....	46
Quadro 5- Interrupções letivas do ano letivo 2016-2017 .....	46
Quadro 6- Calendário das provas do 2.º ano de escolaridade.....	46
Quadro 7- Horário escolar do 2.º F.....	50
Quadro 8- Os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?.....	62

## Índice de Apêndices

Apêndice I - Guião de Entrevista .....	82
Apêndice II- Notas de campo 1 .....	101
Apêndice III - Notas de campo 2.....	102
Apêndice IV - Notas de campo 3.....	103
Apêndice V - Notas de campo 4.....	104
Apêndice VI - Notas de campo 5.....	105
Apêndice VII – Entrevista/Conversa Informal.....	106

## **Abreviaturas**

**CEB** – Ciclo do Ensino Básico;

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada;

**OCEPE** – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

## Introdução

O presente relatório descreve o percurso de ensino e aprendizagem durante o contexto de práticas pedagógicas, nomeadamente no ensino pré-escolar e no ensino básico, tendo por base a reflexão pessoal e a investigação realizada em contexto educativo.

As práticas pedagógicas são indispensáveis à formação de futuros professores/educadores uma vez que permitem o contacto com a realidade do contexto educativo. O estágio permite assimilar experiências pedagógicas onde são definidos objetivos, metodologias e estratégias que enriquecem e consolidam o desenvolvimento de competências e capacidades de preparação para o futuro percurso profissional.

Desde muito cedo, a música adquire uma grande importância na vida da criança. Torna-se necessário que esta seja habituada a expressar-se musicalmente desde os primeiros anos da sua vida, para que esta competência se venha a constituir numa faculdade permanente. Além das várias sensações que a música nos proporciona também podem ser desenvolvidas capacidades que serão importantes durante o crescimento infantil. Sendo a música uma atividade indispensável no processo de desenvolvimento da criança e podendo auxiliar no seu desenvolvimento cognitivo é fundamental que esta seja valorizada no âmbito escolar, de modo a promover a imaginação, a atenção, a memória, a linguagem, além de contribuir de forma ativa no processo de ensino-aprendizagem. O presente trabalho analisa a música como potenciadora de aprendizagem no ensino pré-escolar e no ensino básico, mostrando que poderá contribuir para a melhoria do desempenho das crianças nas diversas disciplinas que fazem parte do currículo escolar. Salienta-se assim a importância do ensino da música desde o ensino pré-escolar., uma vez que através da música as crianças são incentivadas à cultura, à memorização e à construção de conhecimentos. A música deve ser entendida como uma forma de comunicação que vai muito mais além do entretenimento, ou seja, do carácter lúdico. Segundo Relvas (2010, citado por Reis, 2013:6):

*A Música é parte integrante do desenvolvimento intelectual, cultural, emocional e espiritual das crianças e não deve ser lecionada à parte, nem ser um reduto do especialista, antes deve ser integrada com as outras áreas. Os professores generalistas devem abordar o desenvolvimento musical como abordam o desenvolvimento da linguagem e da leitura, com encorajamento, com atividades estruturadas.*

O presente trabalho encontra-se organizado em duas partes. Num primeiro momento, a dimensão reflexiva, onde é feita uma apresentação do percurso de Prática de Ensino Supervisionada (PES), nomeadamente das aprendizagens, das experiências vividas e das limitações vivenciadas. Uma segunda parte, a dimensão investigativa, onde é apresentado o enquadramento teórico, resultado da pesquisa bibliográfica, e a investigação propriamente dita.

# **Capítulo I**

## **Dimensão Reflexiva**



## **Reflexão sobre a Prática Pedagógica**

*“Quanto mais aprendemos sobre o mundo, quanto mais profundo o nosso conhecimento, mais específico, consistente e articulado será o nosso conhecimento do que ignoramos - o conhecimento da nossa ignorância”*

Karl Popper, 1982

Finalizado este percurso de aprendizagem tão importante para nós, aproximamo-nos cada vez mais de ingressar no mercado de trabalho, de iniciar a nossa prática profissional e por isso é imprescindível refletir e pensar sobre todos os momentos de autoconhecimento, aprendizagem e criação. Ao fazer esta reflexão, pretendo, sobretudo, selecionar os aspetos positivos assim como atentar nos pontos menos positivos, de forma a poder melhorá-los, sendo importante entender de que forma as minhas práticas foram assertivas e até que ponto permitiram às crianças adquirir novos conhecimentos. Segundo a conceção de Zeichner (1993), devo adotar um processo que exija reflexão sobre o que foi a minha prática, as minhas ações, o meu percurso, ou seja, devo assumir o papel de professora reflexiva. Conforme Alarcão (2005, p.82-83), “a reflexão sobre o ensino é o primeiro passo para quebrar o ato de rotina, possibilitar a análise de opções múltiplas para cada situação e reforçar a sua autonomia face ao pensamento dominante de uma dada realidade”.

A dimensão reflexiva considera os quatro contextos de PES, onde experienciei o papel de educadora e de professora, nomeadamente, em creche, no pré-escolar, no 2.º e no 4.º ano de escolaridade. Estas foram as vivências que iniciaram a minha “construção” enquanto professora/educadora e que me deram a oportunidade de trabalhar com as crianças, o que me deixou genuinamente realizada e feliz.

## 1. Prática em Creche

*“Garantida a satisfação das suas necessidades, estão reunidas as condições base para a criança conhecer o bem-estar emocional e disponibilidade para se implicar em diferentes atividades e situações, acontecendo desenvolvimento em finalidades educativas.”*

Gabriela Portugal, 2012

Inicialmente, a creche era encarada como uma resposta às necessidades dos pais que não tinham possibilidade de tomar conta dos filhos, mas hoje em dia sabe-se que não é assim, servindo também de contexto de educação e apoio às necessidades das crianças.

O contexto de PES I foi o primeiro passo, mais sólido, na minha formação, tendo permitido crescer enquanto profissional e consolidar as capacidades e competências desenvolvidas durante o Mestrado. Neste contexto, tive oportunidade de trabalhar com um grupo de 15 crianças, os “Pinguins”, composto por 8 rapazes e 7 raparigas, com idades compreendidas entre os 24 e os 31 meses de idade, integrado no Polo I da Creche da Casa da Sagrada Família, em Penafiel. Estas crianças estavam completamente familiarizadas umas com as outras, com os adultos da sala, com a instituição, com todos funcionários e com as rotinas habitualmente praticadas na sala. Apesar disso, são crianças muito pequenas que ainda carecem de muitos cuidados e necessidades.

É na creche que as crianças passam a primeira etapa das suas vidas e para que a mesma seja bem aproveitada e desenvolvida, torna-se essencial satisfazer as suas necessidades. Para isso, deverá recorrer-se a um ambiente educativo composto por um espaço bem organizado e planeado, lúdico e atraente, que proporcione bem-estar e estimule o respetivo desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Segundo Portugal (2012), existem seis necessidades básicas comuns a todas as crianças: Necessidades Físicas; Necessidades de Afeto; Necessidades de Segurança; Necessidades de Reconhecimento e de Afirmação; Necessidades de se Sentir Competente; Necessidades de Significado e de Valores. Daqui depreende-se que a aprendizagem e o desenvolvimento em creche ocorrem de forma integrada, sendo nesta fase que surgem as maiores mudanças da vida das crianças, quer a nível motor quer a nível cognitivo, linguístico, social e afetivo.

Assim, enquanto estagiárias, antes de iniciar as práticas pedagógicas, onde procuramos satisfazer as necessidades mencionadas anteriormente, dedicamos os primeiros dias à observação. Observar é imprescindível em qualquer prática, pois, “é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientada por um objetivo final ou organizador e dirigida a um objeto

para recolher informações sobre ele” (Kerlinger, 1980, citado por Fernandes, 2010). Desse modo, entende-se que a observação deverá ser uma das principais intencionalidades do processo educativo para conseguirmos adaptar as nossas atividades e experiências às características do grupo e às suas necessidades, tendo em conta as suas capacidades e dificuldades.

Após refletir sobre o caminho da PES I, destaco um aspeto importante; as crianças são seres únicos, diferentes, com uma personalidade única, que formam mediante os novos e diferentes contextos em que estão inseridas. Neste sentido, o papel dos educadores/professores, passa por conhecer bem o grupo com o qual vão trabalhar e intervir mediante o contexto que é apresentado, devendo primeiro observar para depois saberem criar as condições que mais se adequam, satisfazendo as necessidades das crianças. Segundo Portugal, “aquilo que as crianças necessitam é de atenção às suas necessidades físicas e psicológicas, uma relação com alguém em quem confiem, respeito, um ambiente seguro, saudável e adequado ao seu nível de desenvolvimento, oportunidades de interagir com outras crianças e liberdade para explorar utilizando todos os seus sentidos” (2000: 89).

*“Os educadores têm um papel vital (...) na prossecução dos objectivos educacionais da primeira infância”* (Portugal, 1998: 90).

Focada nesta responsabilidade, tentei sempre centrar as atividades nos interesses das crianças, ao mesmo tempo, que oferecia momentos de aprendizagem, como contar histórias, cantar, gesticular, ouvir músicas, explorar histórias através de fantoches, realizar atividades motoras, explorar imagens, livros e objetos, realizar atividades de expressão plástica (rasgagem, colagem, pintura). No entanto, saliento também a importância da “liberdade”, para as crianças brincarem sem instruções prévias, para socializarem e serem elas próprias a selecionar as brincadeiras. Esses momentos também são construtivos e valiosos na aprendizagem, os quais foram testemunhados aquando das observações realizadas.

Recordo, particularmente, uma experiência realizada na sala dos Pinguins em que consegui promover, em simultâneo, os aspetos anteriormente referidos. Após muita insistência com a educadora. A atividade consistiu na exploração das cores primárias. Iniciou-se com a divisão do grupo e com a colocação em cada mesa de papel de cenário e tintas. O objetivo desta atividade era identificar cada cor e pintar o papel com as mãos. Apesar das crianças terem ficado todas sujas, divertiram-se e aprenderam: a sentir a tinta, a identificar as cores, a compreender que as misturas de determinadas cores originam novas cores, a socializar, ao partilhar os resultados obtidos e a mostrar um trabalho realizado pelas próprias aos seus encarregados de educação. Concluída esta

atividade foi possível observar que nem sempre se podem realizar atividades deste género, no entanto, elas devem estar presentes ao longo do ano, pois, para estas idades são uma mais-valia na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças, considerando sempre as suas necessidades.

Levo na “bagagem” desta primeira “viagem”, a certeza que pouco importa a complexidade das nossas planificações, se as crianças não estiverem preparadas e predispostas a aprender não adianta complicar. A aprendizagem em creche está na simplicidade, em cada momento, lúdico ou menos lúdico. Nesta etapa todos os dias as crianças vencem barreiras, todos os dias são desafiadas constituindo o início do autoconhecimento. Note-se que a simples refeição é um estímulo. Relembro que assistimos à primeira vez que os “Pinguins” tomaram leite na caneca, parece descomplicado, mas no primeiro dia foi terrível, no segundo foi melhor, e em poucos dias a maioria estava a tomar o leite na caneca sozinhos.

Enquanto educadora devo estimular a independência, apesar destas crianças ainda necessitarem de muita, atenção, ajuda e fundamentalmente de carinho. Também aprendi que, ao contrário das minhas expectativas, na creche a nossa responsabilidade e preocupação é redobrada, pois, cada vez que planificava atividades tinha de considerar as rotinas diárias, como as práticas de higiene, a relação entre pares, a relação com as crianças, a organização da sala, (v) a valorização do espaço/tempo e a seleção mais adequada das atividades de enriquecimento curricular (mediante a suas idades e características pessoais). Isto significa que em situação de creche, o “pormenor” deixa de ser um mero pormenor e passa a ser um norteador das escolhas educativas, de modo a oferecer às crianças uma aprendizagem cooperativa, explorativa e interativa.

Hoje posso dizer que me deslumbrei por esta faixa etária, mas só entendi isso aquando da PES I. Inicialmente sentia-me um pouco insegura. O facto de as crianças serem tão pequenas levava-me a não saber como ajudá-las, mas, no fundo, fui eu quem aprendeu com elas, afinal elas só precisavam de orientação e liberdade para desenvolverem a sua autonomia. Recordo-as uma a uma, identificando as suas características, necessidades e manias, pois fui entendendo a grande importância da relação entre o educador e a criança, no desenvolvimento da mesma. Um sorriso, um toque, um olhar eram o suficiente para motivar as crianças. Estas esperam de nós (adultos) um *feedback* de tudo o que fazem e isso será crucial no futuro.

*«[...] Tanto a criança como o educador necessitam de tempo para se adaptarem um ao outro e aprenderem a descodificar os sinais e comportamentos do outro. A continuidade de interações entre um determinado educador e a criança permite não apenas melhores cuidados como relações mais intensas e responsivas. [...]» (Portugal, 1998: 181)*

## 2. Prática no Jardim-de-Infância

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”*

Paulo Freire, 1996, p.47

A prática pedagógica em contexto pré-escolar baseou-se num percurso caracterizado pela dedicação, paciência, interesse e empenho que se traduziu numa mais-valia para o nosso futuro enquanto educadoras, pois, só quando somos confrontadas com a realidade, nomeadamente as dificuldades, é que “crescemos” enquanto profissionais.

Antes de iniciarmos a prática é fundamental refletir sobre o que foi ensinado nas aulas teóricas, onde aprendemos que observar “é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objetivo final ou organizador e dirigido a um objeto para recolher informações sobre ele” (Kerlinger, 1980, citado por Fernandes, 2010). Na observação o foco das intervenções educativas passa pelas necessidades das crianças. A sua observação permitiu-me conhecer as suas características e do grupo, assim como as suas capacidades, interesses, dificuldades e o meio que as rodeia. Antes de intervir é indispensável observar, pois, será a partir daqui que será feita a diferenciação pedagógica (ME, 1997) e o reconhecimento das crianças como sujeitos e agentes do processo educativo (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997), colocando os seus interesses em primeiro lugar.

Outro aspeto que deverá estar bem compreendido, antes das práticas, é o documento “Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar” (OCEPE) (1997), por constituir um documento de referência para todas as nossas planificações.

Sinteticamente, tendo por base todo o processo reflexivo deste percurso, detenho a importância do processo de diferenciação pedagógica, uma vez que o mesmo permite responder a aspetos dos quais destaco: (i) as necessidades das crianças em prol das suas capacidades; (ii) a rotina como promotora de desenvolvimento da autonomia das crianças e da compreensão do tempo; (iii) a importância do ato de brincar; (iv) a participação ativa das famílias que favorece a formação e o desenvolvimento equilibrado da crianças e a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário e (v) o planeamento de novas aprendizagens segundo o que as crianças sabem e a integração dos conteúdos das várias áreas.

Refletir sobre todas estas condicionantes levou-nos a estar em constante investigação para assim conseguirmos responder às dificuldades sentidas pelas crianças e por nós mesmas, enquanto educadoras, de modo a facultar-lhes aprendizagens significativas. A prática neste grupo de pré-escolar tornou-se uma preparação para o que o futuro nos reserva, na medida em que é realmente muito diferente da prática em creche, pois, foi um trabalho mais intensivo, mais dinâmico, com mais crianças e crianças com um comportamento mais agitado, ou seja, tornou-se uma aventura diferente, mas que sentimos que nos fez crescer imenso, principalmente nos pequenos momentos em que ficávamos sozinhas com o grupo. É de realçar que, no decurso das nossas práticas pedagógicas, conciliar os nossos projetos com os da educadora/instituição não foi, por vezes, tarefa fácil, uma vez que queríamos desenvolver algo com o seu merecido tempo. Neste contexto, apercebemo-nos que as crianças são entupidas com atividades/festividades, que apenas visam a imagem exterior, ou seja, atividades focadas na boa aparência das instituições e não nas crianças.

Com esta experiência é também de destacar a importância do ato de brincar para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Segundo as OCEPE (1997), brincar é a atividade natural da criança que melhor corresponde à sua forma holística de aprender. O segredo passa por promover momentos lúdicos, onde se possa transmitir o que realmente queremos que as crianças aprendam. Alguns aspetos que deveriam ser melhorados englobam o aprender a brincar e conviver, uma vez que algumas crianças não gostam de partilhar e até preferem brincar sozinhas do que partilhar os seus brinquedos. O aspeto da violência também devia ser melhorado, na medida em que parece que está em crescente evolução, principalmente com os rapazes que reagem de forma agressiva para com as adversidades.

Enquanto educadoras/professoras devemos guardar todas as experiências e saber reconhecer as falhas e as dificuldades, para atingir o sucesso. Acrescento, ainda, que nunca devemos esquecer que a vida é uma constante aprendizagem e, profissionalmente, devemos investir cada vez mais. Neste sentido, poderemos ser construtores dos nossos conhecimentos e inovar, investigar, estudar sempre sobre as nossas práticas.

### **3. Prática no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

#### **3.1. Intervenção no 2.º ano**

*“Se deres um peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia.*

*Se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo toda a vida.”*

Lao-Tsé, 1976

A aprendizagem é um processo complexo, contextualizado, especificamente humano e necessário, para que haja desenvolvimento. São várias as teorias que tentam entender este processo, de modo a encontrar o ponto-chave da aprendizagem (Pereira, 2013, p. 12). Como futuros docentes temos a missão de potenciar as melhores aprendizagens, pois, o início da nossa carreira começa no aprender a ensinar. O processo de ensino-aprendizagem fez-nos chegar a um momento de reflexão sobre o primeiro contacto com o primeiro ciclo, o que permitiu reunir todas as certezas sobre as minhas escolhas profissionais. O 1.º Ciclo constituiu uma nova realidade com novos desafios e preocupações. Nesta fase, a maior preocupação é planificar as atividades conforme a idade, as características e as necessidades das crianças, tendo sempre em conta os respetivos conhecimentos já adquiridos. Desta experiência, é de realçar que o sucesso das intervenções se deve também ao contributo do professor cooperante, pois, a preparação das práticas foi feita em conjunto, sempre em conformidade com as suas planificações e segundo as suas orientações. Além disso, os seus reforços positivos e as suas críticas construtivas conduziram-nos para o constante melhoramento das nossas práticas.

De salientar o companheirismo e a entajuda existente entre as crianças desta turma, pois, mostraram sempre união e integração, inclusivamente, para com uma criança que tem necessidades educativas especiais (N.E.E.), e que foi visível pela partilha dos seus brinquedos sem qualquer tipo de problema, preferindo passar o intervalo na sala do que ir para o recreio.

Em suma, esta experiência permitiu consolidar algumas aprendizagens que serão uma mais valia no futuro, uma vez que ser professor não é tarefa fácil, pois, urge estar constantemente em investigação para garantir o sucesso das suas práticas pedagógicas.

### 3.2. Intervenção no 4.º ano

*“Quando olho para uma criança ela inspira-me dois sentimentos, ternura pelo que é, e respeito pelo que posso ser.”*

Jean Piaget

Quando escolhi este percurso académico sabia que os contras certamente ultrapassariam os prós. No entanto, tenho as crianças como “motor” de luta e quero mostrar o que posso ensinar, mas muito mais, o que posso aprender. Não só agora, nesta reta final, mas durante o decorrer de todo o nosso percurso, devemos refletir sobre o que fizemos, para manter o que correu bem, assim como para melhorar o que correu menos bem. Agora mais do que nunca, devemos refletir sobre a nossa prática, pois, estamos cada vez mais próximos do ingresso na vida profissional.

Segundo Zeickner (1993), “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência e da experiência dos outros (...) é, no melhor dos casos, pobre, e no pior, uma ilusão.” Desse modo, chega-se assim a um momento de cogitação, ou seja, de refletir sobre todo o percurso do 4.º ano de escolaridade, o último caminho enquanto estagiárias. Ao longo das nossas práticas, o nosso objetivo era que os alunos tivessem uma função ativa, ou seja, que fossem capazes de construir os próprios conhecimentos mediante as nossas mediações, tentando ser facilitadoras da aprendizagem e promotoras de uma aprendizagem significativa.

No entanto, nem sempre foi possível da forma que tínhamos planeado, pois encontramos nesta turma uma realidade diferente. Ao contrário da turma do 2.º ano, esta turma, a nível de comportamento e aprendizagem era muito mais fraca, o que se tornou um desafio. Desde os momentos de observação, notamos que haveria um desafio, mas confesso que estava ansiosa por começar, principalmente o trabalho e a dedicação a F (criança portadora de trissomia 21).

Perante estas condições, tentamos ser dinâmicas e apelativas nas nossas práticas, pensar mais nos interesses dos alunos, pois, percebemos que as aulas muito expositivas não funcionavam com eles. Tivemos de nos impor várias vezes. Inicialmente alguns elementos testavam os nossos limites para perceber até que ponto poderiam “abusar”, tornando a tarefa difícil, mas aos poucos conseguimos controlar a turma, para que se mantivesse um bom ambiente, pois, sentíamos necessidade de manter os alunos ocupados. A grande dificuldade englobava os diversos ritmos de trabalho existentes na sala, ou seja, alguns alunos terminavam mais cedo e continuavam a leitura de um dos seus livros, mas existiam alguns que perturbavam o silêncio da sala. Assim, para

combater estas discrepâncias, tentava sempre improvisar mais alguma tarefa.

Todavia, não posso negar que foi um semestre muito enriquecedor e gratificante, estando a estagiar numa turma de finalistas fomos privilegiadas em termos de experiência, tivemos mais trabalho, mas no final tudo compensou. Acompanhamos a turma em fichas de avaliação, concursos, atividades extra, visitas de estudo e festas (festa de finalista e festa final de ano), nomeadamente a festa final de ano deixou-me especialmente emocionada, uma vez que ensaiei as quatro turmas de 3.º ano e a minha turma de prática e o resultado final foi fenomenal, compensatório de todo o esforço realizado ao longo deste semestre. Os momentos falaram por si, mas o reconhecimento por parte dos professores e auxiliares, também ajudaram. Numa das coreografias dancei com a **F** e trouxe no coração uma menina muito especial e um sentimento de realização incomparável. A relação com os outros elementos também foi muito positiva, apesar do comportamento, estas crianças demonstraram muito carinho por nós.



# **Capítulo II**

## **Dimensão Investigativa**



## **Introdução**

No capítulo II é apresentada a dimensão investigativa do presente trabalho, nomeadamente o enquadramento teórico, o qual se divide em quatro pontos: (i) a interdisciplinaridade - estratégia indispensável ao ensino atual; (ii) a importância da música na infância; (iii) a expressão musical e o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e socio afetivas da criança e (iv) o papel do professor do ensino básico na educação pela música. Nesta fase, será abordada ainda a interdisciplinaridade que a música tem de facto no contexto do ensino da Língua Portuguesa, do Estudo do Meio e até da Matemática.

Com a abordagem dos pontos enumerados acima, procurei através da minha experiência no terreno, perceber qual o real contributo da música no desenvolvimento das crianças. A multiplicidade de variáveis que fazem parte da espécie humana permite a construção de histórias de vida completamente distintas, e sempre únicas para cada indivíduo, daí advém a importância do estudo das características de cada criança como um ser único, sem nunca perder de vista os contextos em que ela está inserida, bem como diversas variáveis que se relacionam necessariamente com a personalidade de cada criança.

Assim sendo, somos seres naturalmente sociais e com uma plasticidade que é moldada todos os dias da nossa vida. Desde a interação com as nossas redes sociais, à nossa condição económica, cultural e vital, tudo isso vai determinar as nossas características individuais, ou seja, aquilo que somos e que futuramente seremos.

Deste modo, a primeira infância constitui-se como uma fase crucial para o desenvolvimento das diferentes competências inerentes ao ser humano, que posteriormente atuarão nas suas diversas áreas de funcionamento e as definirão enquanto adultos. Desta forma, defendo que as primeiras experiências de aprendizagem são fundamentais para o resto da vida, na medida em que a interação das crianças com adultos significativos e materiais ajustados às suas aptidões e necessidades funcionam como pontos-chave para a construção da personalidade, autonomia e independência. De uma forma geral, existem diversos fatores que podem contribuir para o desenvolvimento harmonioso da criança, e a importância da música na primeira infância é indubitável.

A música funciona como um importante precursor no desenvolvimento das aptidões linguísticas da criança, assim como da sua inteligência, capacidade de expressão e da coordenação motora. A música, através das suas poderosas componentes, como o ritmo, a melodia e o timbre,

facilita o trabalho relacional da criança e conseqüentemente o desenvolvimento das suas competências sociais e afetará necessariamente o seu relacionamento com os pares. A ligação entre a música e a oralidade tem vindo a ser considerada, no plano pedagógico, como uma entrada privilegiada na aprendizagem deste domínio da língua materna. O recurso às formas poético-líricas da tradição oral, a utilização de rimas, lengalengas, canções de roda e outras, tem sido explorado como estratégia para, pela musicalidade e pelo ritmo, fazer imergir o interesse pela aprendizagem da língua materna nas crianças. Ora, foi baseado neste propósito que decidi escolher a interdisciplinaridade entre a música e o ensino para desenvolver o meu projeto, pois acredito que a aprendizagem através da música facilita muito mais a apreensão de conhecimentos. É possível usar a música como instrumento didático e como uma estratégia de ensino para o incentivo à leitura e aprendizagem da língua materna – Língua Portuguesa.

De acordo com Brito (2003):

*“a criança é um ser ‘brincante’ e, brincando faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, ‘transforma-se em sons’, num permanente exercício; receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, descobre instrumentos, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos” (p. 35).*

Foi neste sentido que sustentei a minha intervenção no âmbito da aprendizagem da leitura e da escrita, numa pesquisa sobre este tema, e simultaneamente, procurei ligar a música a esta aprendizagem, buscando despertar o interesse das crianças para o processo da iniciação à escrita.

Ao explorarmos a música, permitimos o conseqüente desenvolvimento em diversos domínios.

*“A experimentação e domínio progressivo das possibilidades do corpo e da voz deverão ser feitos através de actividades lúdicas, proporcionando o enriquecimento das vivências sonoro-musicais das crianças. A participação em projectos pessoais ou de grupo permitirá à criança desenvolver, de forma pessoal, as suas capacidades expressivas e criativas.”(Organização Curricular e Programas do Ensino Básico, 2004, p.67)*

Todo o processo de desenvolvimento deste projeto teve uma enorme importância na minha formação pois, para além de ser uma área do meu interesse enquanto futuro profissional, este poderá suscitar uma diferente forma de preparação e organização de metodologias pedagógicas ao nível da aprendizagem da escrita e da leitura. É fundamental desenvolver abordagens inovadoras no que toca à aprendizagem da leitura e da escrita, já que é um elemento chave para o

desenvolvimento pessoal, acadêmico e social das crianças.

Por outro lado, como possuo uma forte ligação com a música e tendo algumas competências a este nível, poderia ser estimulante e motivador poder abordar e investigar este tema, pela oportunidade de relacionar com a aprendizagem da leitura e da escrita. Além disto, senti-me entusiasmada pela realização deste projeto, sabendo que a música envolve as crianças em qualquer ambiente, e em âmbito educacional, é, sem dúvida um elemento motivador para o processo de ensino-aprendizagem.



## **1. Enquadramento Teórico**

### **1.1. A interdisciplinaridade: Estratégia indispensável ao ensino atual**

Neste ponto é descrita a interdisciplinaridade como sendo uma estratégia indispensável ao ensino atual, nomeadamente através da sua conceptualização e da forma como se processa no contexto educativo.

O conceito de interdisciplinaridade tem vindo a ser alvo de debate, ao longo do tempo, por diversos autores (Pimenta, 2004; Pombo, 2004; Mansilla e Duraising, 2007; Maingain e Dufour, 2008; Santos, 2010). A sua origem deriva do termo “disciplina” e do termo “inter” que significa “entre”, ou seja, o termo interdisciplinaridade corresponde a “entre disciplinas” (Pombo, 2004).

A interdisciplinaridade reveste-se de um carácter complexo, pois, o seu objetivo passa por responder à necessidade de reestruturação dos saberes científicos, o que é realizado pelos diversos professores que a praticam e pelos investigadores que a analisam (Pimenta, 2004; Pombo, 2004). Os autores Maingain e Dufour (2008) corroboram os autores anteriores ao mencionarem que a interdisciplinaridade engloba uma colaboração entre duas ou mais disciplinas, cujo objetivo passa por abordar problemas característicos de um determinado tema.

A colaboração entre as diversas disciplinas ou setores leva a uma integração de competências, onde existem trocas recíprocas que, por sua vez, resultam num enriquecimento recíproco de saberes (Pombo, 2004). Mansilla e Duraising (2007) referem que a interdisciplinaridade consiste na capacidade para integrar conhecimentos e formas de pensar em duas ou mais disciplinas, de modo a aumentar os conhecimentos dos alunos, os quais podem ser maximizados através da utilização das novas tecnologias. Deste modo, a interdisciplinaridade é encarada como um elemento crucial de apoio no processo de ensino e aprendizagem em todos os níveis escolares, a partir do qual é elaborado um projeto pedagógico, onde se englobam as diversas disciplinas e currículos escolares (Maingain e Dufour, 2008; Santos, 2010).

Perante o exposto, poder-se-á dizer que a interdisciplinaridade assume uma questão epistemológica e uma questão pedagógica, que se complementam. A questão epistemológica refere-se à produção, reconstrução e socialização do conhecimento, assim como à ciência e aos seus paradigmas, ao método como mediação entre o sujeito e a realidade. Por sua vez, a questão pedagógica refere-se às questões de natureza curricular, de ensino e de aprendizagem escolar, ou seja, torna-se necessário definir quais as disciplinas abrangidas e as respetivas competências que

se pretende desenvolver e integrar nos alunos (Maingain e Dufour, 2008; Thiesen, 2008).

### **1.1.2. A interdisciplinaridade no contexto educativo**

Fazenda (2015) afirma que a interdisciplinaridade no contexto educativo subentende uma abordagem eficiente no processo de aprendizagem, considerando os saberes dos alunos e a sua respetiva integração. Esta abordagem só será eficiente se englobar os saberes críticos-reflexivos resultantes do processo de ensino e aprendizagem (Oliveira, 2010). Para o efeito, os professores recorrem à integração e à flexibilidade dos currículos escolares, de modo a assegurar a assimilação de informação, da articulação, relacionação e integração adveniente do conhecimento (Pombo, 2004).

A articulação dos currículos escolares deve potenciar a cooperação entre os professores, de modo a adequar o currículo aos interesses e necessidades de cada aluno, ou seja, deve ser aliada a teoria à prática para alcançar os objetivos predefinidos em cada disciplina (Lino & Niza, 2004). Quando os professores o fazem, estão a estimular e a desafiar os alunos para que estes obtenham êxito na aprendizagem nas diversas disciplinas (Thiesen, 2008). Por esse motivo, o contexto educativo é relevante no desenvolvimento da interdisciplinaridade, pois, ao contribuir para a aprendizagem, formação e formulação do conhecimento, o mesmo deve estar apto para acompanhar as constantes mudanças escolares, assim como para apostar e apoiar as práticas interdisciplinares (Thiesen, 2008). Além disso, a interdisciplinaridade cria um espaço aberto para a comunicação e troca de ideias entre professores/alunos, alunos/alunos e professores/professores, não se limitando a um espaço fechado onde apenas se transmitem conteúdos (Santos, 2010).

A interdisciplinaridade deve ser iniciada a partir do ensino pré-escolar, uma vez que potencia as aprendizagens e o desenvolvimento de competências durante os anos escolares seguintes (Alonso et al., 2011). A este respeito, Hohmann e Weikart (2011) argumentam que as crianças desenvolvem a sua aprendizagem através de interações criativas e permanentes com pessoas, materiais e ideias que permitem o crescimento intelectual, emocional, social e físico.

Por sua vez no ensino básico, a interdisciplinaridade reflete-se na medida em que auxilia a integração dos saberes e estimula as aprendizagens transversais, as quais irão possibilitar que os alunos estabeleçam ligações sobre os conhecimentos assimilados, de modo a utilizarem-nos nas situações diárias e no processo de aprendizagem (Alonso et al., 2011).

É na passagem do ensino pré-escolar para o ensino básico que os educadores/professores devem zelar para que a interdisciplinaridade seja aplicada de forma gradual e mais adequada, devendo existir troca de informação e de conhecimento nas aprendizagens assimiladas por cada criança e no seu respetivo nível de desenvolvimento (Teves, 2007).

De acordo com Oliveira (2010), a interdisciplinaridade pode ser vantajosa, uma vez que possibilita a troca de informação e o conhecimento entre as diversas disciplinas, o que permite uma melhor perceção e facilita a abordagem dos conhecimentos, relacionando-os entre si. Em contrapartida, o mesmo autor refere que a interdisciplinaridade pode ser encarada como um paradigma, na medida em que assume uma nova postura perante o conhecimento, ou seja, uma mudança de atitude no contexto educativo em busca do “ser” como pessoa absoluta.

Para Pombo (2005), a interdisciplinaridade pode demonstrar um problema se ficar dependente da vontade dos professores, pois, a mesma pode não ser bem-sucedida pela complexidade e inflexibilidade das estruturas disciplinares. Esta conceção é partilhada por Dinis (2015), uma vez que cada professor, ao especializar-se numa determinada área científica, implementa modelos tradicionais que conduzem a um ensino monodisciplinar e não transversal, não existindo espaço deste modo para a interdisciplinaridade. Outra das desvantagens enumeradas por Pombo et al., (2006), são a existência de disciplinas onde apenas uma carece da outra e não vice-versa. Um exemplo prático é o caso da música, onde se torna necessário saber a língua portuguesa para escrever, não sendo necessário ter conhecimentos sobre música para ter conhecimentos sobre português. O autor refere ainda uma vantagem que é a existência de disciplinas que carecem uma da outra mutuamente, devendo ser sempre interdisciplinares, promovendo o conhecimento mútuo e contínuo nas mais diversas áreas

Em suma, pode afirmar-se que a interdisciplinaridade resulta do trabalho entre disciplinas nas diversas áreas do conhecimento, sendo muito mais do que a soma das partes, ou seja, é o reconhecimento do todo (Gardner, 2009). Este todo engloba a partilha da aprendizagem, de informação e conhecimento, cidadania, criatividade e autonomia (Thiesen, 2008). Assim, a interdisciplinaridade é fundamental para que exista um real conhecimento por parte do aluno, construindo um conhecimento sustentado e baseado em diversos fatores que não só os que à disciplina dizem respeito.

## 1.2. Os contributos da música para o ser humano

A música é uma linguagem universal que faz parte da vida do ser humano desde os seus primórdios. Desde a antiguidade que a humanidade concedeu à música um grande valor. Na Grécia Antiga, muitos filósofos referiram o papel da música no Universo e na formação do homem. Na filosofia grega, a música foi vista basicamente de duas formas: uma, como sendo regida por leis matemáticas e universais, a chamada música da razão; e a outra, chamada a música dos sentimentos, que possuía o fim de educar a nível moral. A música e a poesia continham algo na sua raiz mais profunda que era considerado «um ethos, um anseio espiritual, uma imagem do humano capaz de se tornar uma obrigação e um dever» (Jaeger,2003, p.63). Por estes motivos, o ideário da educação ateniense estabelecia como princípio da formação de um homem que se queria culto, o domínio de um repertório partilhado entre a música e a poesia lírica. Este ideário, gerado em torno da música, e trazido até à modernidade, faria dela um instrumento simbólico e identitário do Estado-Nação. Ainda nos dias de hoje, manifestações mundiais, nacionais e regionais de carácter político e religioso, incorporam nos rituais celebrativos, a manifestação musical.

A música, mesmo nas suas estruturas mais simples (como o ritmo), é, como referem alguns autores, uma presença constante ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Desde o nascimento que a criança desenvolve o sentido de ritmo, pois o mundo que a rodeia expressa-se numa profusão de ritmos e sons (o dia e a noite, o som da chuva) (Ferreira et al., 2007). Por todas estas razões, dificilmente se “conceberá” um mundo onde a música esteja ausente.

No desenvolvimento do ser humano, o primeiro contato que o bebé estabelece com a mãe e com o mundo é mediado pelo ritmo. Respiração e ritmo cardíaco envolvem desde o início o bebé num nicho sensorial, ainda fechado, que se abrirá no primeiro grito autónomo que acompanha o seu nascimento. Para além do ritmo internamente experienciado, a criança parece reagir a estímulos musicais externos. Autores como Hohmann & Weikart (2011) sustentam que, ainda dentro do útero materno os bebés conseguem já ouvir música e reagir a ela.

Alguns autores, como por exemplo Koelsch (2009) realçam também os contributos que a música pode oferecer ao homem, em termos de qualidade de vida, (saúde, bem-estar). Uma pessoa que faz música trabalha o seu cérebro, ampliando diversas capacidades. Este autor menciona que “a atividade de fazer música é extremamente exigente para o cérebro humano, envolvendo uma ampla gama de processos como integração multissensorial, mediação percepção-ação (sistema de neurónios-espelho), processamento sintático, aprendizagem, memória e cognição social”.

Já Bruscia (2000) refere a utilização da música para facilitar procedimentos médicos breves

e para assistir pacientes antes, durante e depois desses procedimentos. Em contexto hospitalar, a musicoterapia pode ser utilizada para reduzir ansiedade, *stress* e desconforto; facilitar a anestesia e o retorno ao estado de vigília; intensificar efeitos analgésicos de medicações e auxiliar no monitoramento e controle de respostas fisiológicas.

Tudo isto são factos evidentes da importância da música para o ser humano.

### **1.3. A importância da música na infância**

Antes de descrever a importância da música na infância, torna-se essencial definir a origem de música. Segundo Arbonés e Milrud (2011), a palavra música deriva da palavra grega “*musiké*” que em conjunto com a poesia e a dança eram consideradas como a “arte das musas”.

Os autores Hohmann e Weikart (2011) mencionam que a música é um conjunto de sons ordenados através do ritmo, melodia e harmonia, dos quais resultam numa resposta emocional naquele que os ouve. Na conceção de Silva (2012), o conceito de música é complexo, uma vez que engloba diversas definições para os significados e pensamentos relacionados à música, realçando-se a definição de que a música é uma ligação de sons e silêncios. É essa ligação entre o som e o silêncio, entre o criar e o sentir, entre movimentos vibratórios e as respetivas relações que Barreira (2011) define o conceito de música. O mesmo autor defende que a criança começa a manifestar sensações e comportamentos provenientes dos sons, desde que se encontra no interior do corpo da mãe, ou seja, o processo de musicalização surge de forma intuitiva através da vivência com os sons diários (música). Esta vivência ocorre no contexto familiar e social, de forma intuitiva, através das experiências em família, na relação com o rádio e a televisão, participação em serviços religiosos, jogos de atividades de lazer organizadas, entre outros (Peery, 2010).

Relativamente à funcionalidade da música no contexto da construção sustentada de conhecimento, nomeadamente em Portugal, Granja (2006) refere que esta disciplina tem vindo a verificar uma diminuição gradual, devido à desvalorização pela sociedade e à ênfase do conhecimento técnico-científico. Por esse motivo, torna-se crucial a mudança nos currículos escolares, de modo a que a música e as restantes artes possam estar ao mesmo nível das ciências, tais como as letras e a matemática. O contacto com disciplinas marcadamente artísticas abrirá possibilidade a muitas crianças de encontrar a sua vocação e o caminho que devem seguir, sem que lhes sejam impostos um futuro ligado à tecnologia, às línguas, às ciências sociais e aos números. Restando assim muito pouco espaço para a vertente artística na escola, que é o espaço onde os alunos mais passam o seu tempo e que lhe deve deste modo, abrir todas as portas para um

futuro bem-sucedido.

Para que a disciplina de música não seja negligenciada, mas antes privilegiada, é essencial que sejam enumeradas as diversas vantagens que a mesma acrescenta na infância, das quais se destaca o desenvolvimento do ser humano, sobretudo em idades pré-escolares uma vez que a mesma tem sofrido diversas reformas educativas e a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais (N.E.E.) através da cooperação e comunicação nas atividades de grupo (Chiarelli e Barreto, 2005). Também a integração entre os diversos conhecimentos (Granja, 2006) é uma vantagem para o ser humano em crescimento, uma vez que vai potenciar as diversas áreas de saber da criança, bem como a sua aptidão para as artes. A música funciona ainda como estimulação dos sentidos e do corpo (Hohmann e Weikart, 2011), constituindo assim uma parte fundamental do desenvolvimento da criança. A este respeito, Sousa (2003) afirma que o objetivo da educação pela música é a criança como um todo, que passa desde a expressão da criança (corpo, linguagem verbal e sentimental) até à compreensão da música, o que irá permitir avaliar o desenvolvimento da mesma nas diferentes vertentes, quer física quer psicológica e também emocional.

Na idade pré-escolar e no ensino básico, a criança gosta de se manifestar através da música, sendo a partir da idade pré-escolar (3-4 anos) que a criança se mexe ao ritmo da música, toca instrumentos musicais de forma ordenada e canta ou descobre as suas próprias canções (Hohmann e Weikart, 2011). Segundo Godinho e Brito (2010), os pais ou professores devem expor as crianças a ambientes associados à arte, processos ou criadores, de modo a que as mesmas possam desenvolver o “saber ser” e o “saber fazer”, ou seja, as crianças depois de adquirirem os conhecimentos devem mostrar as suas próprias descobertas e aprendizagens, intervindo assim, na sua própria educação e dando sentido ao seu próprio “eu” (Levitin, 2007).

Em suma, quanto mais cedo e quanto maior for a exposição das crianças à música, mais rápido é o progresso das suas respetivas capacidades musicais e maior é o sentido do seu próprio “eu” como pessoa absoluta (Peery, 2010; Hohmann e Weikart, 2011). Deste modo, é fundamental que a música integre, desde logo, a vida social e interpessoal da criança, não só porque constitui uma ferramenta de inserção na sociedade, como se constitui também como um instrumento de desenvolvimento de competências pessoais da criança. Sendo assim a música tem um papel preponderante na construção de conhecimento por parte da criança, mas também no seu crescimento enquanto pessoa.

#### **1.4. A expressão musical e o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e socio afetivas da criança**

A educação pela música pode ser entendida como um elemento que interrelaciona a aprendizagem de conhecimentos de diversas disciplinas com os resultados educacionais obtidos, ou seja, passa pelo relacionamento entre a expressão musical e as diversas disciplinas curriculares (Sousa, 2010). Isto significa que a expressão musical engloba uma área transversal em todos os currículos escolares, beneficiando a assimilação de diversos conteúdos, áreas e disciplinas que estimulam o interesse das crianças, auxiliando na linguagem e nos papéis sociais, encorajando a criatividade e exercendo uma influência positiva a nível mental, físico e social (Sheppard, 2005).

Para Ferrão e Rodrigues (2008), a influência positiva que a expressão musical exerce nas crianças manifesta-se num ambiente lúdico e afetivo, onde as mesmas se sintam à vontade, para criar elementos de linguagem musical (timbre, ritmo, melodia e expressividade) e, conseqüentemente, a utilização intencional da voz, audição, visão, tato, corpo e objetos sonoros.

De facto, o que se pretende com a introdução da música na escola não é formar excelentes músicos, mas sim, que os professores incentivem o autoconhecimento das crianças, assim como o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, linguístico e socio afetivo, de modo a que as mesmas se possam desenvolver como pessoas absolutas (Chiarelli e Barreto, 2005; Carvalho, 2011).

No desenvolvimento cognitivo, as crianças quando ouvem os sons melhoram a audição, quando dançam e realizam gestos melhoram a coordenação motora e quando cantam ou imitam sons criam relações com o ambiente que as rodeia. Por sua vez no desenvolvimento afetivo, as crianças constroem a sua identidade, personalidade, autoestima e expressam os seus sentimentos e emoções, através da música. A música está intimamente relacionada com o nosso dia-a-dia e por isso é fundamental a sua inserção no meio escolar e em contexto de sala de aula, uma vez que esse é o espaço em que os alunos mais aprendem e se desenvolvem, quer intelectualmente como a nível interpessoal.

É nestas atividades implementadas pelos professores de expressão musical que os mesmos conseguem compreender quais os pontos fortes, os pontos fracos, as dificuldades e as facilidades que as crianças manifestam quando colocados em contacto com a música, descobrindo métodos e técnicas para os superar (Chiarelli e Barreto, 2005).

Alguns desses métodos e técnicas englobam os jogos musicais que devem ser ajustados às necessidades e ao desenvolvimento das crianças, como por exemplo, até aos dois anos as crianças

encontram-se na fase sensoriomotora, onde os professores podem realizar atividades com sons e gestos. Quando as crianças têm entre dois e quatro anos, encontram-se na fase simbólica, onde as crianças expressam sentimentos e emoções pelas músicas que ouvem. A partir dos 4 anos, as crianças entram na fase analítica, onde se sentem mais sociáveis e demonstram capacidade de ouvir e respeitar as outras pessoas (Chiarelli e Barreto, 2005).

É no contexto lúdico que as crianças mostram a sua criatividade, expressão e movimento, assimilando um conjunto de regras e significados sociais dos seus comportamentos e adaptando-os à sua cultura e vivências, quer desportivas quer culturais ou artísticas (Condessa, 2009).

Marques (2013) reafirma a conceção dos autores anteriores ao afirmar que no ensino pré-escolar, a expressão musical facilita o desenvolvimento da criança através de vivências significativas que resultam em diversas emoções, tais como a alegria, a tristeza, a melancolia, a violência, a calma, entre outras.

Uma premissa que Gordon (2008) considera relevante, é as crianças para serem bem-sucedidas no contexto escolar, antes de entrarem no ensino pré-escolar, devem estar munidas com termos de audição e fala, os quais serão desenvolvidos através da música e dos sons assimilados pelas crianças.

No ensino básico, a música deve estar interrelacionada com outras áreas ou disciplinas, tais como a arte (o corpo reage aos sons), a matemática, a física, o português, as ciências (instrumentos reciclados), a geografia, a história, a língua estrangeira (tradução de músicas estrangeiras), e a informática (criação de música ou sons através de um *software* próprio) (Granja, 2006).

Nas Orientações Pragmáticas do Ensino da Música no 1.º ciclo do ensino básico menciona-se que a expressão musical engloba uma perceção musical definida pelo conhecimento musical sobre música através de música, assim como de capacidades de leitura e escrita musical (Vasconcelos, 2006). Segundo o mesmo autor, todas as crianças manifestam potencial para desenvolver as suas capacidades musicais, considerando os seus interesses, contextos e capacidades e desenvolvendo-os através do pensamento crítico da música. Para o efeito, as crianças devem realizar atividades musicais recorrendo a materiais de qualidade e a ambientes físicos e sociais agradáveis, onde as diversas experiências sirvam como modelo eficaz para o desenvolvimento individual das crianças. Desse modo, as atividades musicais disponibilizam diversas oportunidades para que as crianças aperfeiçoem as suas capacidades motoras, controlem os seus músculos e se movam no ritmo certo no espaço. Quando as crianças trabalham o seu ritmo

estão a desenvolver a formação e equilíbrio do sistema nervoso, atuando sobre a mente, realizando descargas emocionais e atenuando as tensões através de gestos, dança, bater palmas e pés (Santos, 2010). Carvalho (2008) acrescenta que o ritmo possibilita uma participação ativa através da visão, audição e tato, bem como desenvolve os sentidos das crianças e melhora a coordenação motora e a atenção.

Ainda a respeito do 1.º ciclo do ensino básico, Lessa (2006) argumenta que a expressão musical define um conjunto de atividades onde as crianças aprendem fazendo, ou seja, a aprendizagem musical baseia-se na audição, análise e debate do repertório, práticas instrumentais, pesquisa, experimentação e criação, o que leva a que os professores sirvam de modelo no estímulo e apoio do desenvolvimento de competências musicais das crianças.

Apesar das diversas vantagens obtidas com a expressão musical, existem autores que contestam as mesmas afirmando que ainda há muito caminho por percorrer no contexto educativo, de modo a que a expressão musical seja aceite e esteja ao mesmo nível das outras disciplinas (Barreira, 2011). O mesmo autor refere que pelo simples facto da expressão musical auxiliar no desenvolvimento da criatividade, na transmissão da herança cultural, no desenvolvimento afetivo, psicomotor e da comunicação não-verbal estamos perante razões mais do que suficientes para que a expressão musical seja reconhecida e utilizada no contexto educativo, tanto como qualquer outra disciplina que integra extensamente o plano curricular.

Outra das críticas é apresentada por Almeida (2008), pois, o mesmo refere que a expressão musical no ensino básico não tem sido bem-sucedida, uma vez que é implementada de forma desorganizada e escassa em conteúdos, negligenciando as áreas das expressões. Ongaro, Silva e Ricci (2014) também contestam que a expressão musical deve ser mais reconhecida e utilizada, na medida em que facilita a aprendizagem, raciocínio, criatividade, autodisciplina e socialização das crianças, servindo de elemento crucial no processo de ensino e aprendizagem.

Recapitulando, a expressão musical assume um papel crucial no contexto educativo, pois, permite trabalhar em diversas áreas, assim como desenvolver capacidades específicas da música e outras relacionadas, quer na linguagem quer no raciocínio matemático. Além disso, a expressão musical estimula a autoestima, sociabilidade, afetividade e personalidade e ajudará a transmitir uma imagem positiva da escola, onde as crianças querem passar e aproveitar mais o tempo. O papel da música no contexto escolar é muito mais do que meramente entretenimento. A música ajuda o professor a inculcar autodisciplina, a incentivar a criatividade e a participação e estimula ainda cooperação entre as crianças, criando, deste modo, laços sócio afetivos entre alunos/alunos,

alunos/meio e professor/alunos.

## 1.5. A música enquanto recurso didático

Como referem alguns dos autores (Jaeger, (2003); Hohmann & Weikart (2011); Koelsch, (2009), entre outros) citados anteriormente, a música tem influência no desenvolvimento do ser humano. Como já referimos, nos primeiros anos da vida da criança, as oportunidades de contacto com a música são de grande importância.

Segundo Hohmann & Weikart (2011, p. 658):

*“(...) a música é um importante aspecto da infância precoce, pelo facto de as crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir música, e a moverem-se ao seu som. A música torna-se mesmo uma outra linguagem, através da qual os jovens fazedores de música aprendem coisas sobre si mesmos e sobre os outros. A música insere as crianças na sua própria cultura e ritmos comunitários [...] igualmente importante é o facto de a música transmitir emoções, sublinhar experiências e marcar ocasiões pessoais e históricas [...] O desenvolvimento musical das crianças e sua capacidade de comunicarem através da música floresce em culturas e contextos em que os membros da comunidade valoriza e aprecia a música.”*

No plano escolar o Jardim-de-infância é por excelência o lugar privilegiado da música. Neste espaço, há oportunidade para o lúdico, para a criação e para a experimentação. As crianças cantam de forma espontânea, presenteiam os adultos com as suas canções e brincam de roda cantando com os pares. Neste espaço, a autonomia das crianças é desenvolvida tendo as crianças a oportunidade de escolher, planear e organizar as suas atividades.

Já a passagem para o 1.º ciclo, uma transição essencial para as crianças e um momento de aprofundamento de aprendizagens e de contacto com novos conhecimentos, é referida na literatura educacional como um corte abrupto na liberdade, autonomia e dimensão lúdica da vida da criança. Além disso é importante para a criança começar a relacionar-se com a música no ambiente escolar, pois é nessa fase que ela constrói os saberes que irá utilizar no resto da sua vida.

Gordon (2000) ressalta que, *“Através da música, as crianças aprendem a conhecer-se a si próprias, aos outros e à vida. E, o que é mais importante, através da música as crianças são mais capazes de desenvolver e sustentar a sua imaginação e criatividade ousada. Dado que não se passa um dia sem que, duma forma ou doutra, as crianças não ouçam ou participem em [sic] música, é-lhes vantajoso que a compreendam. Apenas então poderão aprender a apreciar, ouvir e participar na música que acham ser boa, e é através dessa percepção que a vida ganha mais*

*sentido.” (p. 6).*

Assim, é de salientar a importância da utilização da música e o seu caráter lúdico e dinâmico, nos anos que preparam a entrada da criança para a escola, bem como no 1.º ciclo, uma vez que deve ser mantido um elo entre os hábitos do ensino pré-escolar e o 1.º ciclo. Ora, se a música é uma constante nos anos que antecedem a entrada para a escola, ela não deve ser delegada para segundo plano no 1.º ciclo. Deste modo, a música deve de facto integrar o programa curricular de todo o 1.º ciclo, como os autores supracitados defendem, uma vez que a sua inserção em sala de aula estimula o crescimento cognitivo e pessoal da criança

Para além dos aspetos acima mencionados, autores do domínio da literatura para a infância e da aprendizagem da língua (Silva, 2004; Sim-Sim, 2007) tem vindo a colocar o enfoque no potencial que a música pode oferecer na aprendizagem de algumas dimensões da língua materna. Segundo Terzi (2001), o desenvolvimento da leitura não se dá linearmente, ou seja, de maneira cumulativa, em que a soma do significado das palavras constitui o significado do texto. Esta autora ressalta que no processo da leitura, cada palavra funciona como um índice de experiências e conhecimentos adquiridos previamente, pelo leitor. Enquanto efetua a leitura de um texto, o leitor ativa uma determinada rede de conhecimentos da memória, os quais influenciam a atribuição de significados às demais palavras do texto. Esse processo é contínuo e motiva o leitor a desenvolver o hábito da leitura.

Ao utilizar a música como um recurso didático, o professor propicia uma interação empolgante com a aprendizagem da língua materna. De facto, de forma lúdica, sensorial, prazerosa e corporizada a criança é conduzida, também através de imagens mentais, (suscitadas pela canção), ao desenvolvimento da oralidade. “Cantando”, ela aprende ritmos, palavras novas, formas de respiração e de dicção que são naturalmente ditadas e orientadas pelas letras das canções que a brincar, lhe são intencionalmente propostas. A música pode ainda ensinar os números, numa primeira fase de aprendizagem, e ajudar a criança a reconhecer diversos aspetos do meio que a envolve, tais como os sinais de trânsito, os meses do ano, as estações do ano, bem como os órgãos principais do seu corpo. Desta forma, a canção (letra e música) ao estimular a criança à criação de imagens mentais, vem complexificar e simultaneamente facilitar o acesso aos dispositivos de memória envolvidos na aprendizagem da oralidade, na medida em que, a criança passa a poder dispor de um duplo processo de evocação, ou seja, pode mais facilmente convocar o código escrito porque mais facilmente acede ao código visual que criou. Porque as crianças gostam de música, de ouvir música e de cantar, a música impõe-se como recurso natural, altamente positivo (Sousa,1999). O mesmo autor refere que “a música desperta a curiosidade do aluno, que por sua vez amplia os seus conhecimentos e aprimora o desejo pela leitura e pelo saber“ (p. 19). Para

Nicolau & Dias (2003) a finalidade básica da educação musical é o desenvolvimento auditivo, o qual, por sua vez, conduz ao desenvolvimento rítmico-motor e à prática sonora, vocal e instrumental. Este autor refere que *“aprender a ouvir diante da música equivale em primeiro lugar, a desenvolver a atenção auditiva e a ampliar a habilidade de concentração e memória. Diante da “escuta inteligente”, a criança começa a notar todas as formas da música: ritmo, melodia, textura, forma, texto, estilo (entre outros), e estará guardando dados essenciais para seu aprendizado futuro”* (p.79). Além da importância da escuta inteligente, a literatura educacional aponta outras dimensões, a considerar no processo de educação musical. Craidy & Kaercher (2001, p. 134) chamam a atenção para o facto de que os *“métodos de ensino da música mostram que a educação musical não pode ser promovida apenas por atividades cantadas. Deslocar-se pela sala adequando o passo ao andamento da música; as atividades de produção e reprodução de ritmos utilizando o próprio corpo; a execução de instrumentos musicais criados pelas crianças e a criação de pequenas melodias e ritmos também devem fazer parte do planejamento.”*

Como já referido anteriormente, outra vantagem da música é a utilização de lengalengas, canções de roda, que se inserem nas formas poético-líricas, e que estão intimamente ligadas à poesia e à música. Introduzir esta abordagem neste que é, na maioria das vezes, o primeiro contacto com as letras, será uma forma de combater as dificuldades de aprendizagem, a monotonia de uma aula expositiva e tradicional, e também despertar o interesse das crianças pela leitura.

## **1.6. O papel do professor do ensino básico na educação pela música**

O papel do professor tem sofrido uma constante evolução ao longo do tempo, passando de um *“mero reprodutor de modelos idílicos”* para uma pessoa *“com plena consciência de si mesmo e da sua atuação, pois só dessa forma poderá intencionalizar o processo educativo e, assim interferir na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos”* (Machado, 2007: 220).

Castro (2009) acrescenta que o papel do professor é influenciado pela sociedade, ou seja, esta possui uma imagem dos professores onde estes manifestam gosto e paixão pela sua profissão, reconhecendo, na maioria das vezes, que os professores são uma parte crucial na educação dos seus filhos ou netos, pelo que exige mais dedicação, criatividade, profissionalismo, esperança e sonho e confere a ele uma responsabilidade acrescida no desenvolvimento da sua profissão e formação de alunos conscientes, críticos e, acima de tudo felizes.

Para Marques (2001), o papel do professor passa por ser um mediador entre a ciência e a cultura, dado que as crianças e os jovens que carecem de saber e compreender uma e outra, e, só

assim poderão crescer de forma saudável e com dignidade. Isto significa que o professor exerce um papel essencial em contexto de sala de aula, ao auxiliar os alunos a construir e consolidarem o seu conhecimento, quer científico quer pessoal e social. Além disso, o papel do professor do ensino básico vai ser definido através das suas ações e da forma como elas vão influenciar os seus alunos, já que o professor do 1.º ciclo, talvez por ser o primeiro, tem um papel marcante na vida e definição da criança.

Para o efeito, o professor deve planear as atividades considerando os interesses dos alunos e o contexto educativo, partilhando os saberes e adquirindo uma linguagem informal, de modo a desenvolver a capacidade dos alunos, recorrendo a materiais e atividades propostas, a intuição, sensações, emoções e sentimentos (Thiesen, 2008). Santos (2007) refere que o professor deve utilizar a metodologia mais adequada para cumprir os objetivos predefinidos em cada disciplina, não impedindo a aprendizagem e a evolução dos alunos, pois, o alvo principal passa por satisfazer as necessidades dos alunos, em detrimento dos interesses pessoais ou externos do professor.

A este respeito, Alonso e Roldão (2005) mencionam que o saber profissional educativo não deve passar apenas pelo domínio de conhecimentos científicos associados aos conteúdos curriculares nem pelos conhecimentos científicos e metodológicos nas ciências da educação ou pela prática pragmática das técnicas e da repetição de rotinas em sala de aula, devendo antes passar pela junção de todos os elementos anteriormente citados, sem descurar nenhum e sem diminuir a lógica subsequente da soma das partes. A readaptação do professor deve ser realizada diariamente, consoante as situações de aprendizagem, de modo a não definir uma rotina inflexível que expresse o que o professor deve ou não deve fazer em determinada situação. Por esse motivo, a flexibilidade deve ser uma ferramenta utilizada pelos professores no processo de ensino e aprendizagem, aliada à forma de organização da sala de aula e aos recursos materiais utilizados (Mesquita, 2011). Também deverá existir flexibilidade no contexto educativo, na medida em que o mesmo englobe diversas culturas e ideologias, onde o professor deve saber quais os valores que deve promover (Santos, 2007). Quanto maior a flexibilidade, autonomia e capacidade para tomar decisões dos professores, maior será o seu comprometimento no processo de ensino e aprendizagem (Machado, 2007). Assim, maior será a importância do professor, uma vez que os seus métodos ditarão maioritariamente a formação de cada criança cultural, pessoal e cognitivamente.

Além disso, o professor deverá assumir uma postura ética e deontológica, quer a nível profissional quer a nível pessoal, que lhe permita distinguir entre os deveres e desafios da sua profissão, assim como estimular a autonomia, inserção social, disciplina e dever cívico dos seus alunos (Santos, 2007; Mesquita, 2011). Os desafios inerentes aos alunos passam pela utilização

adequada de estratégias que permitam desenvolver situações a nível cognitivo, social, físico e afetivo, de modo a interiorizar as vivências e a aumentar a autoconfiança e desejo de aprender (Pinheiro, 2008). Este desejo de aprender deve surgir de ambas as partes (professor/aluno), pois, só assim é que o professor consegue delinear novas estratégias para que o aluno se sinta motivado e mantenha uma participação ativa nas atividades e no processo como um todo (Castro, 2009).

Relativamente à educação pela música, os professores devem encarar a música como uma linguagem própria do Homem e não somente do músico, ou seja, um professor não necessita ser um músico profissional para poder dar aulas aos alunos, bastando que este estimule a motivação e a expressão musical das crianças (Sousa, 2003; Granja, 2006). Apesar disso, Peery (2010) defende que não existe formação suficiente por parte dos professores em relação a lições de prática musical e nem dos professores de música em relação ao ensino em contexto escolar, devendo-se primar por uma interajuda entre ambos. Isto significa que a música deve ser adaptada consoante cada criança e cada situação ocorrida no contexto escolar, pois, o principal objetivo é transmitir através da música, as respetivas emoções e sentimentos (Vasconcelos, 2006). Desse modo, torna-se crucial a planificação do currículo escolar da disciplina de música, uma vez que é a mesma que irá moldar a forma como é encarada e avaliada pelas crianças (Peery, 2010) e só através desse planeamento e importância curricular a disciplina poderá ser elevada.

A planificação da disciplina de música deve englobar quatro vertentes: (i) perceção sonora e musical, (ii) interpretação e comunicação, (iii) criação e experimentação e (iv) culturas musicais nos contextos, sendo que a partir destas quatro vertentes podem ser desenvolvidas atividades e jogos de audição, interpretação ou criação (Vasconcelos, 2006).

Na educação pré-escolar, a planificação deve considerar o processo de audição e de padrões tonais e rítmicos, ou seja, a planificação deve englobar as atividades que estimulem a expressão, fruição, experimentação e descoberta, as quais serão o âmago das aprendizagens futuras e do desenvolvimento da personalidade dos alunos (Godinho e Brito, 2010).

O educador/professor, durante os primeiros anos de vida das crianças, deve assumir um papel ativo na sua aprendizagem, o que levará a que as crianças desenvolvam diversas capacidades, tais como: musicais, morais, psicológicas, intelectuais, físicas, cognitivas, entre outras. A música nestas idades deve ser trabalhada pelos educadores através dos jogos, atividades diárias onde as crianças pratiquem a perceção e atenção, músicas infantis, populares, regionais, eruditas que incentivem ao canto (Bianchi, 2013). No fundo, nesta fase da vida da criança, a música deve ser usada como integradora, fator de união com os seus pares, fator fundamental para

o desenvolvimento da vertente social.

Lima e Mello (2013) encaram a disciplina de música como um elemento que permite atenuar e relaxar as crianças, ajudando-as a descontraírem-se, a envolverem-se socialmente e a aprender a respeitar as outras pessoas.

Outros benefícios enumerados da presença da disciplina de música nos conteúdos abordados no ensino pré-escolar prendem-se com a alfabetização, uma vez que alertam as crianças para a importância das palavras e para o valor que ela detém na sociedade. Outro benefício da educação musical é a criação de uma personalidade cultural na criança e o desenvolvimento da autonomia da criança, bem como o desenvolvimento do espírito crítico da criança e dos seus gostos pessoais, uma vez que ela já reconhece os sons que lhe despertam alegria e aqueles que se relacionam com momentos tristes. A música está também relacionada com a criação de identidade da criança, com o aumento da sensibilidade e ainda com a capacidade de concentração (Góes, 2009).

Por sua vez no ensino básico, os professores devem atender à particularidade musical de cada criança, realçando o seu desenvolvimento, a sua forma de estar e autorrealização, ou seja, os professores devem privilegiar a voz, o corpo e os instrumentos que as crianças utilizam como um todo, de modo a perceberem se são utilizados de forma harmoniosa e criativa (Ministério da Educação, 2004).

No ensino básico, os professores devem proporcionar as melhores experiências para os alunos, uma vez que esta é uma fase essencial no seu percurso escolar, pois, realça a interdisciplinaridade e a integração de saberes e atividades (Reis, 2009). Por esse motivo, os professores devem criar condições que estimulem a aprendizagem e o processo artístico, recorrendo à interdisciplinaridade quando necessário, para que as crianças assimilem os diversos saberes da expressão musical (Vasconcelos, 2006). Algumas dessas condições passam por dar mais liberdade, controlo, orientação, recursos adequados, reorganização da informação, trabalho em equipa, resolução de problemas, fácil comunicação e demonstração da criação (Condessa, 2006).

Robinson (2011) e Burnard (2013) afirmam que o papel do professor na expressão musical passa por ajudar as crianças a relacionar-se com a sua própria criatividade, que é a melhor maneira para aumentar a sua aprendizagem, pois, quando as crianças realizam atividades interessantes, mostram-se mais entusiasmadas, motivadas e com maior capacidade para assimilar novos conhecimentos e experiências.

Em relação ao papel dos professores, o mesmo é relevante na educação pela música, pois, permite maximizar a oportunidade de investigação sobre as crianças e a música, utilizando a arte como meio de alcançar os objetivos predefinidos nos currículos escolares (Peery, 2010). Se este trabalho for realizado em conjunto com os professores de outras disciplinas, então as crianças sairão beneficiadas, na medida em que assimilam mais conhecimentos, experiências e saberes, podendo integrá-los da forma mais adequada e consoante cada situação (Vasconcelos, 2006). Deste modo, é fulcral a valorização do ensino e educação musical no meio escolar, uma vez que através dela é possível desenvolver competências linguísticas, interpessoais e curriculares na criança, retirando-se do seu uso apenas vantagens quer para as crianças, que ficam mais familiarizadas no contexto escolar, quer para os professores que ficam com mais ferramentas para desenvolver o seu trabalho de forma mais completa e eficaz.

## **2. Metodologia**

Um trabalho de investigação possui determinadas características subjacentes, como a natureza da metodologia, o método de investigação e todos os processos a ele associados. Neste capítulo descreve-se a metodologia adotada e todos os processos utilizados ao longo deste trabalho e que foram de suma importância para o desenrolar da investigação e posteriores conclusões.

### **2.1. Abordagem Metodológica**

Nesta parte é apresentada a problemática, a planificação da investigação, os instrumentos usados para desenvolver a investigação, os instrumentos utilizados para a recolha de dados.

Para situar a problemática do ensino da música em interdisciplinaridade com as três áreas principais, a revisão da literatura foi baseada nos modelos de ensino /aprendizagem da Música eleitos por alguns pedagogos musicais, pois, o conhecimento e a opção de modelos adequados constituem fatores relevantes para o sucesso das práticas pedagógicas.

Como refere Caspurro (1996, p.99), “a organização do conhecimento no tipo de sequência informativa requer um posicionamento fundamental da parte dos professores: a conceptualização da própria música, da sua natureza como arte. É evidente que isto influencia decisivamente as conceções curriculares, para já não falar das atitudes pedagógicas no terreno atuante.”

Este estudo assenta no princípio de que todas as crianças do 1.º Ciclo devem ter acesso a um currículo que contemple o Ensino da Música e que este atue em interdisciplinaridade com todas as outras áreas de conhecimento, ou seja, que as complemente para que o conhecimento seja bem sustentado.

#### **2.1.1. Questão e objetivos de investigação**

Formosinho (2002) enuncia várias etapas que envolvem o estágio. Entre elas, consideramos a presença do estagiário no dia-a-dia da escola fundamental, uma vez que o conhecimento dos seus mecanismos de funcionamento, a interação com os alunos e com toda a comunidade educativa, o relacionamento com os espaços e com os materiais, bem como, a observação dos alunos na sala de aula e, ainda, a ação do(a) professor(a) cooperante constituem

no fundo o primeiro contacto estabelecido com a realidade que nos acompanhará ao longo do nosso percurso profissional.

Considerando a relação entre a música e as aprendizagens escolares pretende-se estudar a influência da aprendizagem musical no desempenho escolar. Com este estudo aspiro encontrar respostas a uma pergunta fulcral, que será o fio condutor de todo o trabalho desenvolvido: **“De que forma a música poderá promover as aprendizagens das crianças?”**, questão pela qual se norteia a presente investigação e sobre a qual será realizada uma apresentação, análise e interpretação dos dados reunidos pelas observações e entrevistas realizadas com a intenção de responder à questão inicial e aos objetivos definidos, tendo em conta o cruzamento de informação com o enquadramento teórico apresentado assim como com a caracterização da turma, sala e instituição.

Para o efeito, foram definidos os seguintes objetivos:

- Caracterizar o tipo de comportamento das crianças face ao contacto com a música;
- Compreender e conhecer a opinião da criança sobre a presença da música no seu percurso escolar;
- Refletir sobre a importância/influência da música ao longo das aprendizagens das crianças.

### **2.1.2. Investigar a própria prática**

Segundo Bisquerra (1989), a investigação-ação é “um processo planificado de ação, observação, reflexão e avaliação de carácter cíclico, conduzido e negociado pelos agentes implicados, com o propósito de intervirem na sua prática para a melhorar ou para a modificar no sentido da inovação.” Isto significa que a investigação-ação é um tipo de investigação que envolve o levantamento de questões/situações, observação, descoberta, exame, análise, estudo, avaliação e as respetivas conclusões, é um processo complexo, exploratório e transversal a qualquer situação (Marta, 2006).

Atualmente, o professor/educador é desafiado todos os dias a desenvolver a sua prática educativa de forma diferente daqueles que o ensinaram, uma vez que é o grande responsável pela formação dos novos cidadãos (Ponte, 2004). Para que a formação desses novos cidadãos seja bem-sucedida, torna-se essencial que o professor/educador possua um conhecimento pedagógico geral que englobe aspetos, tais como: ensino, princípios gerais, aprendizagem dos alunos, tempo

acadêmico de aprendizagem, tempo de espera, ensino em pequenos grupos, gestão da turma, técnicas didáticas, estruturas das turmas, planificação do ensino, teorias de desenvolvimento humano, processos de planificação curricular, avaliação, entre outros (Marcelo, 2009).

Os desafios que o professor/educador tem que superar diariamente revestem-se de diferentes graus de complexidade, dos quais se destacam: o insucesso dos alunos no que se refere aos objetivos de aprendizagem curricular e objetivos básicos de socialização e enculturação; a desarticulação dos currículos em relação às necessidades dos alunos; o modo ineficiente do funcionamento das instituições educativas; a incompreensão de grande parte da sociedade, desde os meios de comunicação social até às condições adversa no ambiente de trabalho. Lisboa (2005) expressa que o professor/educador espera poder participar em reuniões onde se deveriam trocar experiências e aperfeiçoar a prática em detrimento das reuniões onde apenas se recebem informações e ordens dos outros órgãos do agrupamento, o que limita a criatividade e poder de cada professor/educador. De modo a superar os diversos problemas e desafios diários, o professor/educador deve saber assumir um papel que lhe permita reformular e encarar sob outras vertentes esses problemas e desafios, ou seja, deve desenvolver uma competência reflexiva baseada na sua própria ação e no desenvolvimento de novas técnicas de assimilação de novos saberes (Leitão e Alarcão, 2006).

A competência reflexiva baseada na própria ação do professor/educador é relevante, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem não é mecanizado, o que leva a que seja necessária uma prática reflexiva nas aulas, da qual resultará uma melhor qualidade da sua postura e atuação. Isto significa que o professor/educador é encarado como um mediador entre o currículo e o aluno, sendo que o aluno também é um mediador da sua própria aprendizagem (Férrandez, 2002). A este respeito, Morgado (2004) afirma que a relevância da prática do professor/educador também passa pela autonomia curricular e pela tomada de decisões no processo de desenvolvimento curricular, quer seja na adaptação do currículo a nível nacional quer seja na inclusão de temas significativos para a formação dos alunos. A partir da conceção individual de cada professor/educador é possível reunir-se diversas conceções que servirão para construir uma nova cultura educativa e enriquecer o currículo escolar. Para a construção de uma nova cultura educativa, o professor/educador pode intervir em três níveis: contexto sociocultural; contexto institucional e contexto instrutivo. O contexto sociocultural ocorre quando o professor/educador transmite valores e incentiva o desenvolvimento pessoal dos alunos. O contexto institucional refere-se à influência direta da cultura organizacional e do clima institucional resultantes da atuação do professor/educador na instituição. Por sua vez, o contexto instrutivo refere-se à responsabilidade do professor/educador

pela criação de um clima social baseado na interação do processo de ensino e aprendizagem (Férrandez, 2002).

Em suma, a prática do professor/educador requer uma arte ou vocação que nem todas as pessoas possuem, ou seja, é algo que as pessoas sentem que nasceram para ser, pois, só se for realmente sentido é que o professor/educador poderá transmitir os seus conhecimentos, saber motivar os alunos e, conseqüentemente, contribuir para o seu desenvolvimento pessoal, social, físico e psicológico.

### **2.1.3. O contexto da intervenção**

A intervenção decorreu numa turma do Centro Escolar de Penafiel, inserida no Agrupamento de Escolas D. António Ferreira Gomes. A escolha deste Agrupamento deveu-se ao facto de ser o local de trabalho da investigadora, tornando assim mais fácil a realização do estudo.

Para um melhor entendimento do contexto do estudo e de modo a compreendermos a importância que é atribuída ao Ensino da Música neste Agrupamento, procedemos a uma leitura dos documentos estratégicos que definem toda a sua política (Projeto Educativo do Agrupamento, Projeto Curricular do Agrupamento e Projeto Curricular do Centro Escolar de Penafiel).

#### **2.1.3.1. Caracterização da Instituição**

A intervenção desenvolveu-se no Centro Escolar de Penafiel, designado também como Escola Básica de Penafiel. É uma instituição de ensino público que integra o Agrupamento de Escolas D. António Ferreira Gomes, que se localiza na freguesia de Penafiel, nomeadamente, na Rua Abílio Miranda, junto ao Quartel de Bombeiros da cidade (Regimento Interno, 2016).

O Centro Escolar foi construído em 2013, numa área 12 500 m<sup>2</sup>, cuja responsabilidade é da Câmara Municipal de Penafiel (Regimento Interno, 2016). O estabelecimento de ensino, composto por duas valências, Jardim-de-Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico, possui capacidade para 150 crianças e 624 alunos (Regimento Interno, 2016).

## Horário de funcionamento da instituição

No que respeita ao horário de funcionamento do Centro Escolar de Penafiel é de mencionar que este abre portas, todos os dias da semana, às 07h45 e encerra às 18h30 (Regimento Interno, 2016).

No Quadro 1, é possível observar o horário de funcionamento do estabelecimento de ensino.

**Quadro 1- Horário de funcionamento do Centro Escolar de Penafiel**

**Fonte: Regimento interno (2016-2017)**

	Turno da manhã		Interrupção	Turno da tarde	
	Prolongamento da manhã	Atividades escolares	Período de almoço	Atividades escolares	Prolongamento da tarde
<b>1.º e 2.º Ano de escolaridade</b>	07h45 às 09h00	09h00 às 12h30	12h30 às 14h00	14h00 às 17h30	17h30 às 18h30
<b>3.º e 4.º Ano de escolaridade</b>		09h00 às 12h00	12h00 às 13h30	13h30 às 17h30	

## Horário da porta de entrada

Mencionado o horário de funcionamento do Centro Escolar de Penafiel, abordaremos, o horário da porta de entrada que, por questões de segurança, mantêm-se sempre fechada, salvo se: (i) alguém tocar à campainha, (ii) se for horário de entrada ou saída de crianças, conforme os respetivos horários escolares, ou (iii) se for horário de almoço, pois há crianças que realizam as suas refeições fora do contexto educativo (Regimento Interno, 2016).

No Quadro 2, apresenta-se o horário da porta de entrada do Centro Escolar.

**Quadro 2- Horário da porta de entrada do Centro Escolar de Penafiel**

**Fonte: Regimento Interno 2016-2017**

<sup>7</sup> Horário	Atividade
07h45	Acolhimento dos alunos inscritos no prolongamento da manhã.
08h45 às 09h00	Acolhimento dos alunos.
12h00 às 12h30	Saídas dos alunos para o almoço.

13h15 às 14h00	Entrada dos alunos para o turno da tarde.
15h00 às 17h30	Saída dos alunos conforme o horário escolar.
17h30 às 18h30	Saída dos alunos inscritos no prolongamento da tarde.
18h30	Encerramento da porta.

### **Instalações / espaço**

As instalações do Centro Escolar de Penafiel são divididas em dois edifícios – edifício escolar e pavilhão polivalente – e em três pisos diferentes: piso -1, piso 0 e piso 1 (Regimento Interno, 2016).

Relativamente às divisões, a instituição é composta por 24 salas de aula para o 1.º ciclo, que estão equipadas com quadros interativos e computadores fixos com ligação à internet; 6 salas de atividades para o jardim; biblioteca, sala de professores, gabinete de atendimento, sala de reuniões, sala de pausa, posto médico, dois gabinetes, átrio, pavilhão gimnodesportivo, balneários, cozinha, refeitório, casas de banho para docentes, alunos e deficientes, campo de jogos (recreio exterior); parque infantil; parque de estacionamento coberto, que se encontra ao serviço de funcionários e que tem a capacidade para 52 lugares e parque de estacionamento livre (exterior) (Regimento Interno, 2016).

Quanto às características gerais do espaço, nomeadamente ao acesso aos pisos, além de este poder ser realizado através de escadas, a instituição também possuiu elevador, equipamento que está ao serviço de crianças com dificuldades ao nível da mobilidade (Regimento Interno, 2016).

### **Biblioteca**

A biblioteca do Centro escolar de Penafiel é um espaço de trabalho e lazer que se destina a alunos e docentes. Trata-se de um espaço bastante acolhedor, devidamente organizado e com boa luminosidade, já que possui uma zona envidraçada que permite a entrada de luz, que possibilita o trabalho de grupo e o trabalho individual. Além disso, é um local onde reina a tranquilidade e o silêncio, condições essenciais para o desempenho de um bom trabalho. A leitura, a realização de trabalhos, a consulta de informações e a prática de jogos são algumas das zonas de que o espaço dispõe. A biblioteca possui um espaço composto por coletâneas de livros, que se encontram organizados segundo critérios, e que podem ser requisitados por alunos e professores, sempre que o docente bibliotecário esteja presente.

## **Refeitório**

O refeitório do Centro Escolar de Penafiel é um espaço que se destina ao serviço de refeições a alunos, pessoal docente e não docente do estabelecimento de ensino no período que decorre entre as 12h00 e as 13h30, com a capacidade para fornecer 1200 refeições diariamente (Regimento Interno, 2016).

As refeições são confeccionadas e fornecidas diariamente pela Gertal, empresa, previamente, seleccionada pela Câmara Municipal de Penafiel (Regimento Interno, 2016).

As ementas são definidas pela empresa responsável pela confeção, sendo publicadas num espaço visível - entrada do estabelecimento de ensino - para que os encarregados de educação as possam consultar sempre que assim o pretendam (Regimento Interno, 2016).

## **Pavilhão gimnodesportivo**

O pavilhão gimnodesportivo é composto pelo campo de jogos e por 6 balneários. Com uma área de superfície desportiva de 1068,75 m<sup>2</sup> (47,5m x 22,5m), o espaço possibilita a prática das seguintes modalidades: andebol e futsal (40m x 20m), basquetebol (28m x 15 m) e voleibol (18m x 9m) (Câmara Municipal de Penafiel, s.d). Importa destacar que transversalmente há ainda campos que permitem o treino de basquetebol (Câmara Municipal de Penafiel, s.d). Relativamente ao funcionamento do pavilhão gimnodesportivo, é de mencionar que, embora, este seja parte complementar do Centro Escolar de Penafiel, o espaço desportivo e os serviços de apoio ao mesmo, foram construídos de forma a funcionarem de forma independente, ou seja, a utilização do espaço não implica o funcionamento do Centro Escolar, como vertente de ensino. Por este facto, o pavilhão assume duas vertentes: escolar, para todas as turmas do 1.º ciclo, e de apoio ao associativismo desportivo da região, nomeadamente para o treino regular e para a prática desportiva de grupos informais, entre as 18h00 e as 24h00 (Câmara Municipal de Penafiel, s.d).

Além de tudo o que foi mencionado, é relevante referir que, no período de inverno, e sempre que as condições climatéricas não possibilitem a saída dos alunos para o recreio exterior, o pavilhão é utilizado pelas crianças no período de almoço e nos intervalos (Regimento Interno, 2016).

## **Recreio exterior**

Quanto ao recreio exterior, o Centro Escolar de Penafiel disponibiliza aos seus alunos uma área de jogos, que possibilita a prática de: basquetebol, de futebol e andebol. Além disso, o espaço é composto por mais dois espaços: espaço de aventura e espaço livre. A área de aventura é

composta por alguns equipamentos que permitem trepar, saltar, passar por cima e por baixo e escorregar. A área livre, tal como o nome indica, é uma área plana que possibilita a prática de jogos coletivos. Para finalizar, importa destacar que, de forma a garantir a segurança de todos os alunos que usufruem do recreio exterior, a vigilância dos recreios é assegurada por assistentes operacionais designados, assim como pelos professores da instituição segundo uma escala previamente definida, de acordo com o horário dos docentes.

## Recursos Humanos

No que diz respeito aos Recursos Humanos, o Centro Escolar de Penafiel é uma instituição que é frequentada por um total de, aproximadamente, 450 crianças que se encontram distribuídas por 19 turmas: 5 do 1.º ano, 5 do 2.º ano, 4 do 3.º ano e 5 do 4.º ano). Quanto às turmas é de referir que, embora uma turma possa ser designada por 1.º A, por exemplo, ela pode ser composta por crianças de outro ano de escolaridade.

*Quadro 3- Recursos humanos do Centro Escolar de Penafiel – Número de discentes*

*Fonte: Análise documental: Regimento Interno 2016-2017*

Designação da turma	Número total de alunos	Número de crianças com N.E.E.	1.º Ano de escolaridade	2.º Ano de escolaridade	3.º Ano de escolaridade	4.º Ano de escolaridade
1.º A	20	1	19	1		
1.º B	23	2	21	2		
1.º C	21	1	20			1
1.º D	26	0	26			
1.º E	20	1	20			
2.º F	26	1		26		
2.º G	26	0		26		
2.º H	26	0		26		
2.º I	22	0		22		
2.º J	16	4		9	7	
3.º K	26	1			25	1
3.º L	25	2			25	
3.º M	26	1		1	25	

**Quadro 4- Recursos humanos do Centro Escolar de Penafiel – Número de discentes**

**Fonte: Análise documental: Regimento Interno 2016-2017 (continuação)**

Designação da turma	Número total de alunos	Número de crianças com N.E.E.	1.º Ano de escolaridade	2.º Ano de escolaridade	3.º Ano de escolaridade	4.º Ano de escolaridade	
3.º N	24	2			24		
4.º O	26	0				26	
4.º P	25	0				25	
4.º Q	21	3				21	
4.º R	21	2				21	
4.º S	26	2				26	
<b>Total</b>	19 turmas	446	25	106	113	106	121

Do Quadro 3, concluímos que dos 446 alunos do Centro Escolar, 25 possuem Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.); 106 alunos frequentam o 1.º ano de escolaridade; 113 frequentam o 2.º ano de escolaridade; 106 frequentam o 3.º ano de escolaridade e 121 frequentam o 4.º ano de escolaridade. Para além disso, verificamos a existência de turmas mistas. Desse modo, existem duas turmas apenas com o 1.º ano de escolaridade, duas com o 1.º e o 2.º ano de escolaridade, e uma turma com o 1.º e o 4.º ano de escolaridade; quatro turmas constituídas por alunos do 2.º ano de escolaridade e uma turma com 2.º e 3.º ano de escolaridade; duas turmas que são frequentadas apenas por alunos do 3.º ano de escolaridade; uma com 3.º e 2.º ano de escolaridade e uma com 3.º e 4.º ano de escolaridade; cinco turmas compostas por alunos inscritos no 4.º ano de escolaridade.

Relativamente ao corpo de pessoal docente do Centro Escolar de Penafiel, o mesmo engloba uma coordenadora de estabelecimento, 19 docentes do 1.º ciclo, 3 professores de educação especial, 4 docentes de apoio educativo, 16 professores para as atividades de enriquecimento curricular dos quais 4 são professores de música, 6 de atividade física e desportiva e 6 de inglês.

O corpo de pessoal não docente é composto por 9 assistentes operacionais.

## Calendário escolar

Tendo em consideração que nos encontramos a desenvolver a prática pedagógica III em contexto educativo, nomeadamente no 1.º ciclo do ensino básico, é importante que conheçamos o calendário escolar definido pelo Ministério da Educação para o ano letivo vigente.

Analisemos, então os quadros seguintes que se referem aos períodos letivos (Quadro 4), interrupções letivas (Quadro 5) e calendário das provas para o 2.º ano de escolaridade (Quadro 6).

**Quadro 5- Períodos letivos do ano escolar 2016-2017**

*Fonte: Site do Ministério da Educação<sup>1</sup>*

Períodos Letivos	Início	Termo
1º Período	Entre 9 e 15 de setembro de 2016	16 de dezembro de 2016
2.º Período	3 de janeiro de 2017	4 de abril de 2017
3.º Período	19 de abril de 2017	23 de junho de 2017

**Quadro 6- Interrupções letivas do ano letivo 2016-2017**

*Fonte: Site do Ministério da Educação*

Interrupções letivas	Início	Termo
1.ª	19 de dezembro de 2016	2 de janeiro de 2017
2.ª	27 de fevereiro de 2017	1 de março de 2017
3.ª	5 de abril de 2017	18 de abril de 2017

**Quadro 7- Calendário das provas do 2.º ano de escolaridade**

<sup>1</sup> Fonte: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/calendario\\_escolar\\_2016\\_2017.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/calendario_escolar_2016_2017.pdf)

*Fonte: Site do Ministério da Educação*

Calendário das provas	
Data e hora	Componente curricular
Entre 2 e 9 de maio	Expressões Artísticas e Físico-Motoras
19 de junho às 09h00	Português e Estudo do Meio
21 de junho às 09h00	Matemática e Estudo do Meio

### **2.1.3.2. Caracterização da Sala do 2.º ano**

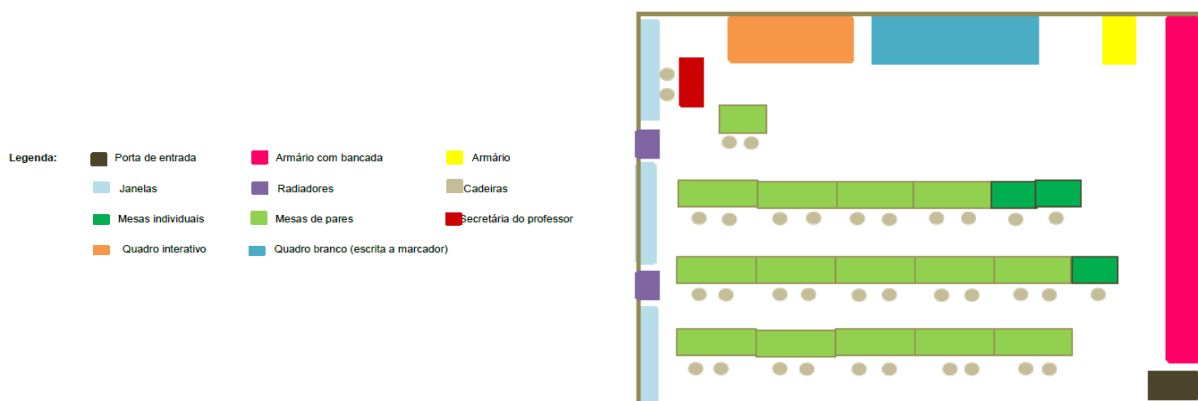
A sala de aula do 2.º ano de escolaridade da turma F localiza-se no primeiro piso do Centro Escolar de Penafiel, onde se podem encontrar dois radiadores, que proporcionam um sentimento de bem-estar às crianças, mas também aos restantes intervenientes, nomeadamente ao professor. O pavimento da sala é macio e lavável. O mobiliário apresenta-se constituído por linhas simples, de modo a garantir a maior segurança possível às crianças que usufruem do espaço. De salientar também, que todos os equipamentos existentes na sala se encontram em bom estado de conservação, garantindo assim, todas as condições de segurança necessárias.

Em relação à iluminação, sempre que as condições climatéricas permitem, esta é realizada de forma natural, através das três janelas existentes. Quando tal não é possível, a sala é iluminada artificialmente através de lâmpadas de cor branca.



*Figura 1- Sala de aula do 2.º F*

**Fonte: Fotografia tirada pelas mestrandas no dia 8 de março de 2017**



*Figura 2- Planta da sala de aulas do 2º F*

Tal como se pode observar na planta da sala de aula, existe 1 porta de entrada, 3 janelas, todas localizadas na mesma parede, 2 radiadores, 1 quadro interativo, 1 quadro branco (escrita a marcador), 1 armário com uma bancada, 13 mesas para duas crianças, 2 mesas individuais e 28 cadeiras. Ao serviço do professor titular existe uma secretária com uma cadeira e um armário, onde o docente arquiva toda a documentação que faz parte do processo individual das crianças. Além disto, numa capa de elásticos, 1 para cada criança, a docente coloca todas as avaliações realizadas pelos alunos nas diferentes áreas curriculares. De salientar que, no armário com bancada, na parte superior existe uma torneira, com sabonete líquido, onde as crianças podem beber água e lavar as mãos. No canto esquerdo, e sobre a bancada, encontramos os 26 dossiês devidamente identificados (nome), onde os alunos colocam as fichas de trabalho que são

realizadas em aula. Na parte inferior do mesmo armário, o professor tem algum material das crianças, nomeadamente colas e um bloco de papel de lustro, papel de lustro, cartolinas, guaches, cola branca, papel de impressão, recargas de papel pautado, materiais para atividades expressivas (ex: rafia, pinhas, ...), entre outros.

### **2.1.3.3. Caracterização do Grupo de Crianças**

A caracterização do grupo foi elaborada através da análise documental (relação de alunos; horário escolar; questionário aplicado aos encarregados de educação e plano curricular de turma do ano letivo transato), observação (notas de campo) e conversas informais que foram estabelecidas entre as mestrandas e o professor titular da turma.

Conhecer o grupo foi fundamental para poder planificar atividades adequadas ao grupo de crianças. O grupo do 2.º ano de escolaridade do Centro Escolar de Penafiel, turma F, é composto por 26 crianças, das quais 11 pertencem ao género masculino e 15 ao género feminino, com idades compreendidas entre 6 e os 7 anos de idade (no momento de análise dos dados), 6 crianças com 6 anos de idade e 20 crianças com 7 anos de idade. De salientar que, além das informações recolhidas junto do Professor titular da turma do 2.º F relativamente à constituição do grupo de crianças, considerou-se que seria pertinente recolher informação sobre o contexto familiar das crianças, pois, por vezes, são aspetos que ajudam a explicar algumas situações ao nível do seu desempenho escolar. Foram entregues 26 documentos dos quais foram recebidos 25, o que significa que, apenas, um documento não foi entregue.

Relativamente aos membros que compõem o agregado familiar de cada criança, concluiu-se que apenas 1 criança vive num meio familiar constituído por dois elementos, 8 crianças têm três elementos no seu agregado familiar; 9 crianças têm um agregado familiar composto por quatro elementos; 6 crianças fazem parte de um agregado familiar constituído por cinco elementos e 1 criança integra um agregado de seis elementos.

Analisando o Plano de Turma e revivendo alguns momentos de contato com as crianças, conseguimos concluir que a maioria das crianças pertence a famílias da classe média-alta com um nível de escolaridade médio-superior, sendo a maioria residentes no concelho de Penafiel, habitando apenas quatro crianças no concelho de Paredes.

No que diz respeito à caracterização do grupo, em termos culturais, este é bastante

heterogéneo, uma vez que as crianças provêm de ambientes familiares de diversos níveis sociais e económicos, o que se pode verificar através das profissões e do nível de escolaridade dos pais das crianças, concluindo-se, portanto, que as crianças vivenciam experiências diferentes.

Quando questionados sobre a escolaridade os pais responderam que 1 pai tem o 4.º ano, 1 tem o 6.º ano, 2 têm o 9º ano de escolaridade, 10 têm o 12º ano de escolaridade, 8 têm uma licenciatura e 2 pais têm um nível académico superior, sendo que um possui mestrado e outro possui doutoramento.

Quanto à situação profissional, observa-se que 19 pais trabalham por conta de outrem, 3 são profissionais independentes, 1 pai encontra-se desempregado e 1 pai respondeu à questão “outra situação”, não tendo sido referida qual era. De entre 24 mães, 1 mãe tem o 6.º ano de escolaridade, 1 concluiu o 8.º ano, 2 têm o 9.º ano, 7 completaram o ensino secundário, 1 tem o bachelrado, 11 têm uma licenciatura e 1 mãe tem o mestrado. Em relação à situação profissional: 14 mães trabalham por conta de outrem, 7 são profissionais independentes e 4 encontram-se em situação de desemprego.

### Horário escolar do 2.º F

No Quadro 7, verifica-se o horário escolar do 2.º ano de escolaridade da turma F do Centro Escolar de Penafiel.

*Quadro 8- Horário escolar do 2.º F*

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
09h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h00					
10h00 10h30	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h30 11h00					
11h00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h00					
12h00 12h30	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h30 13h30					
13h30 14h00					

14h00 15h00	<b>Matemática</b>	<b>Estudo do Meio</b>	<b>Estudo do Meio</b>	<b>Estudo do Meio</b>	<b>Inglês</b>
	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
15h00 16h00	<b>Oferta Complementar</b>	<b>Música</b>	<b>Expressões</b>	<b>Expressões</b>	<b>Atividades Física</b>
16h00 16h30					
16h30 17h30	<b>Expressões</b>	<b>Inglês</b>	<b>Apoio ao Estudo</b>	<b>Apoio ao Estudo</b>	<b>Música</b>

A partir do Quadro 7, constata-se que o 2.º ano de escolaridade possui uma carga horária semanal de 25 horas letivas, distribuídas da seguinte forma: 5 blocos de 1h30 que perfazem um total de 8 horas para o ensino do Português, 5 blocos de 1h30 para a disciplina de Matemática; 3 blocos de 1h para o Estudo do Meio; 3 blocos de 1h para o ensino das Expressões; 2 blocos de 1h para o Apoio ao Estudo e 1h para a Oferta Complementar.

De salientar que, além das disciplinas referidas, que são lecionadas pelo professor titular da turma, os alunos da turma do 2.º F podem, ainda, frequentar as atividades de enriquecimento curricular (AEC) que a escola contempla na sua oferta formativa e que são suportadas pela Câmara Municipal de Penafiel, ou seja, não há qualquer custo para os pais e/ou encarregados de educação.

### **Atividades de enriquecimento curricular**

Tal como se pode verificar no horário escolar do 2.º F existem três disciplinas que não pertencem à componente curricular obrigatória, nomeadamente: o Inglês, a Música e a Atividade Física e Desportiva. Partindo do pressuposto mencionado, a participação das crianças nessas disciplinas é facultativa, sendo por isso que se denominam de atividades de enriquecimento curricular. Isto significa que incumbe aos pais e/ou encarregados de educação decidir se as suas crianças frequentam ou não essas atividades. Daí que no horário escolar, elas surjam depois da componente curricular obrigatória.

Relativamente às AEC's, importa mencionar que estas atividades são lecionadas por docentes especializados na área, que são contratados pela Câmara Municipal de Penafiel.

As atividades de Música e Inglês são lecionadas 2 vezes por semana em blocos de 1 hora e a Atividade Física é lecionada, apenas 1 vez por semana num bloco de 1 hora. Estas atividades de enriquecimento curricular lecionadas no 2.º F correspondem a cinco horas semanais e, por isso, o Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro menciona que estas atividades devem perfazer no mínimo 5 e no máximo 7,5 horas semanais, facto que está a ser cumprido pelo Centro Escolar. As atividades de Inglês e Música estão sob a responsabilidade de docentes especializadas nesses conteúdos, respetivamente. Ambas as atividades são lecionadas na sala 8 – sala de aulas do 2.ºF. A Atividade Física e Desportiva é lecionada pelo docente Pedro Moreira no pavilhão gimnodesportivo do Centro Escolar de Penafiel.

No que respeita à participação dos alunos, 22 crianças (85%) do grupo participam em Atividades de Enriquecimento Curricular e que apenas 4 crianças (15%) não participam em nenhuma das atividades.

#### **2.1.3.4. Caracterização dos sujeitos de investigação**

Para a investigação foram selecionadas todas as crianças da sala do 2.º ano de escolaridade da turma F. É importante mencionar que este grupo é composto por vinte e seis crianças, onze do género masculino e quinze do género feminino, com idades compreendidas entre os seis e os sete anos de idade (Análise documental 24 de outubro de 2016).

Do total das vinte e seis crianças, uma delas, está identificada como sendo uma criança com Necessidades Educativas Especiais, uma vez que lhe está diagnosticado o Síndrome de Asperger (Análise documental, 24 de outubro de 2016). Mas, apesar dessa característica, que faz dele um “menino especial” / um “menino diferente”, tal como referem as crianças do grupo que integra, o V. participa em todas as atividades da sala e, por isso, na minha atividade investigativa, ele também deu o seu contributo. Este é um grupo heterogéneo, onde pude explorar diversos aspetos da minha intervenção enquanto educadora, pois cada uma das crianças desafiou determinadas vertentes da minha personalidade enquanto professora.

#### **2.1.4. A Investigação**

##### **2.1.4.1. Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

Iniciada a investigação definido o objeto de estudo, estabelecidos os objetivos e selecionada a metodologia, o investigador tem à sua disposição um leque de informações que

necessitam de ser selecionadas, recolhidas e trabalhadas de modo a que possam ser retiradas conclusões que possam solucionar os diversos problemas metodológicos com os quais o professor se depara ao longo da sua carreira. A este propósito Moresi (2003, p.64) sustenta que a técnica de recolha de dados se refere a um “conjunto de processos e instrumentos elaborados para garantir o registo das informações, o controle e a análise dos dados”. Para Aires (2015) “a seleção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objetivos do trabalho de campo.” (Aires 2015, p.24). Já Ferreira (2003, p.133) refere que “o dispositivo de recolha, análise e interpretação dos dados não se situa no registo da tecnicidade ou da factualidade, mas no registo do sentido e da tradutibilidade”.

A recolha de dados é importante para o desenrolar da intervenção, pois permite traduzir tanto o decorrer do processo de ensino-aprendizagem (realizado no contexto) como os resultados que este processo fornece. Estes instrumentos constituem-se, em grande medida, como uma arte, um trabalho de recriação, de *bricolage* ou de artesanato interpretativo (Bogdan & Biklen, 1994). A informação recolhida pelo investigador deve passar por um processo “de seleção, de centração, de simplificação, de abstração e de transformação do material compilado.” (Miles & Huberman in Hébert; Goyette & Boutin, 1994, p. 109). Foi também muito importante para o desenrolar do projeto, a recolha e a análise documental. Os documentos do Plano de Turma e do Projeto Educativo permitiram a análise detalhada do contexto e auxiliaram a minha investigação e seleção do tema.

Na presente investigação foi utilizada a observação participante e a entrevista ou conversa informal, para atingir conclusões mais precisas e completas para a resposta à questão de investigação norteadora deste estudo. De acordo com Correia (2009), a observação participante ocorre quando o contacto entre o investigador e os participantes é realizado de forma direta, frequente e continuada, com o objetivo de evitar distorções subjetivas na compreensão de situações e interações entre os participantes em observação. Pawlowski et al., (2016) afirma que a observação participante pode ser entendida como uma abordagem de observação etnográfica, onde o investigador participa de forma ativa na recolha de dados, sendo capaz de se adaptar a qualquer situação. Para o efeito, a observação participante exige prática, conhecimento e compreensão por parte do investigador, uma vez que o mesmo está rodeado de diversas situações e eventos comuns, onde é necessária toda a atenção para saber distinguir entre os aspetos relevantes e os aspetos supérfluos (Yin, 1994; Silverman, 2006). Desse modo, uma das vantagens da observação participante passa pela descrição de situações ou eventos comuns com os detalhes

que lhes são característicos, os quais são difíceis de reter através de entrevistas ou questionários (Strand *et al.*, 2015).

Em contrapartida, também existem algumas desvantagens da observação participante. Na conceção de Aronson *et al.*, (1998), a observação participante é limitativa, ou seja, ao só validar as hipóteses gerais sobre as causas do comportamento social, descarta as hipóteses causais. Para Mónico (2010), a observação participante não consegue manter um rigor absoluto na metodologia de investigação implementada, na medida em que quando se observam os participantes, não é fácil nem adequado, pedir para interromper só para tomar notas ou gravar a conversa. Também dificulta a escolha dos critérios dos eventos, pois, a maior parte das vezes não são tão explícitos quanto o investigador desejava.

Relativamente à entrevista, Aires (2015) argumenta que é uma das técnicas de recolha de dados mais utilizadas no estudo e compreensão das pessoas alvo de estudo (amostra), uma vez que adota uma diversidade de usos, desde às entrevistas até aos questionários telefónicos.

O mesmo autor refere que as entrevistas podem ser estruturadas, não estruturadas, assistemáticas ou projetivas. As entrevistas estruturadas ocorrem quando as perguntas são predefinidas, podendo ser fechadas (resposta limitada às opções facultadas) ou abertas (resposta livre). Em contrapartida, as entrevistas não estruturadas ocorrem quando as perguntas não são predefinidas, surgindo através da interação entre o investigador e o participante. As entrevistas assistemáticas ocorrem quando as entrevistas carecem de uma resposta espontânea (emoções, perceções e reações) por parte do participante, não sendo dirigidas pelo investigador. Por sua vez, as entrevistas projetivas ocorrem quando são utilizados recursos visuais para estimular uma resposta. Para que as entrevistas sejam bem-sucedidas, torna-se necessário que as mesmas sejam preparadas atempadamente, devendo passar pelo planeamento, escolha do entrevistado, local e disponibilidade para realização entrevista e formulação do guião de entrevista (Aires, 2015; Yin, 2011).

As ferramentas acima enunciadas constituem, portanto, importantes fontes de obtenção não só de dados para a evolução deste estudo, como também constituem uma base para o estagiário, uma vez que observa a experiência de um professor no terreno, quando exposto à imprevisibilidade das ações, perguntas e contextos em que se insere o ensino básico. Deste modo, a fase de observação e mesmo a realização de entrevistas dão ao estagiário experiências com as quais ele pode aprender muito e usar futuramente nas suas intervenções enquanto docente.

### **2.1.4.2. Recolha de Dados**

Depois de apresentada a questão de investigação e os objetivos que se pretendem alcançar, chega a fase da recolha de dados. A recolha de dados foi realizada, primeiramente, através de análise documental (Regulamento Interno, Projeto Curricular de Turma e os inquéritos anteriormente aplicados aos encarregados de educação) e de seguida através da realização de uma entrevista sob a forma de conversa informal, aplicada às crianças.

Para o efeito, foi construído um guião de entrevista (Apêndice 1) com os elementos necessários para realizar uma correta e completa análise seguidos de duas questões orientadoras da investigação: “Colocamos música na nossa sala. O que achas disso?”, “Os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?”. A sua construção baseou-se nas experiências dos alunos, quando confrontados com a presença de música em contexto de sala de aula. Assim, as perguntas colocadas aos alunos procuravam aferir as opiniões dos alunos quanto a este tipo de intervenção, ou seja, se gostariam que se repetisse mais vezes e aquilo que a experiência lhes permitiu perceber.

As entrevistas foram realizadas no corredor do Centro Escolar à porta da sala das crianças do 2.º ano de escolaridade, turma F, durante as horas letivas nos dias 12 e 15 de dezembro de 2016. No dia 12, realizaram-se 25 e no dia 15, apenas uma, já que a última criança faltou no dia 12. O local, dia e horário das entrevistas foram definidos em conversa com o professor orientador, para evitar que o processo interferisse com o bom funcionamento das aulas, daí só ter sido realizado no final do 1.º período.

A elaboração deste guião obedeceu a determinados preceitos e objetivos que eram pretendidos atingir aquando da sua elaboração. Deste modo, foi decidido à partida que estas entrevistas seriam de teor individual, para que a amostra de dados fosse mais rica e pudessem existir respostas mais diversificadas, uma vez que sendo feitas de forma individual, não se corria o risco de haver influência de respostas. É de salientar que uma entrevista de características individuais é necessariamente diferente de outras realizadas em grupo, nomeadamente, em termos de formalidade, já que individualmente a minha forma de abordar as questões não precisa de obedecer a uma estrutura tão rígida quanto teria se esta fosse em grupo. A diferença mais marcante é a forma de colocação das perguntas, uma vez que numa entrevista de carácter pessoal há uma maior proximidade entre o entrevistador e o entrevistado.

De facto, esta entrevista teria de ir ao encontro dos sujeitos implicados nela e, devido a isso, esta entrevista traduziu-se mais numa conversa, uma vez que a maturidade dos entrevistados exigia várias adaptações. Deste modo, a entrevista foi estruturada para que os sujeitos envolvidos

na investigação fossem capazes de identificar, rapidamente, a resposta pretendida em cada questão, isto é, eram perguntas diretas e de resposta simples.

No que diz respeito aos objetivos desta entrevista, ela pretendia compreender qual a receptividade de cada criança à utilização da música num determinado momento da aula, como componente interveniente na construção de conhecimento. Assim, as questões colocadas iam todas ao encontro desse propósito, que era perceber qual a reação das crianças à introdução de um novo método da sala de aula – a música – temática investigativa deste projeto.

Os sujeitos da investigação foram relativamente breves a responder à questão. Em média, as conversas demoraram aproximadamente cinco minutos. Desse modo, tivemos as 26 crianças (11 do género masculino e 15 do género feminino) como sujeitos participantes na investigação, realizando, então, 26 entrevistas individuais, estando só presentes a mestrandia Joana Mendes e a criança, o que permitiu compreender o que era mais importante para cada uma delas, mediante os seus depoimentos e as suas características.

As respostas obtidas permitiram entender de facto quais as opiniões e sensações experimentadas pelos alunos quando confrontados com a utilização didática da música, num contexto e situação.

A observação de intervenção de outros professores constituiu-se também determinante para a elaboração deste estudo, uma vez que permitiu encontrar conclusões muito importantes para encontrar resposta à questão orientadora deste projeto.

## **A prática de observação e a formação docente**

Atualmente, tem-se discutido muito sobre a qualidade e as etapas da formação de professores que atuarão na educação básica, tendo em vista o grande rol de problemas e desafios presentes nessa profissão e, é claro, na educação em geral. É dentro deste contexto que o “bom” professor é aquele que conhece e reflete sobre sua própria prática e que, sobretudo, reconhece o seu poder enquanto formador de cidadãos.

Nesse sentido, conhecer a organização e a realidade escolar ainda durante a formação profissional tornou-se algo fundamental para a formação dos professores. É dentro desse pressuposto que a prática de observação entra como uma importante ferramenta na formação de futuros professores, na medida em que oferece a estes a oportunidade de conhecer e interagir com o meio escolar antes mesmo do Estágio Supervisionado. Aragão e Silva entendem que a “observação se constitui de uma ação fundamental para análise e compreensão das relações que os sujeitos sociais estabelecem entre si e com o meio em que vivem”. Conceituando a observação, pode considerar-se que “observar tem o mesmo sentido de conservar-se diante do observado,

considerar atentamente uma coisa a fim de conhecê-la melhor” (Aragão e Silva, 2012, p.52). Este primeiro contato com o meio escolar permite ao futuro professor relacionar aquilo que se aprende na universidade, o teórico, com a prática em sala de aula.

Ora, realizar essa leitura da realidade escolar é essencial para a formação de um professor reflexivo, pois, permite que durante a formação seja construída uma compreensão da pluralidade que existe na escola.

Dessa forma, a observação não se torna um ato vago, algo que não possua finalidade e sentido pedagógico e sim um instrumento de análise crítica sobre determinada realidade. A prática de observação pedagógica tem então o objetivo de mostrar ao futuro professor que a escola é muito complexa, palco de diversas relações sociais nas quais se abrem um leque de problemas e possibilidades que precisam ser trabalhadas e superadas pelo professor.

Pode-se dizer que a prática de observação nos leva a uma percepção mais profunda acerca das complexidades existentes na escola e na própria prática docente, abrindo um espaço de reflexão em torno dos principais temas que norteiam a educação e, portanto, é uma parte indispensável na formação docente, uma vez que nos mostra os diversos caminhos pelos quais podemos optar enquanto professores. O estágio tem como objetivo principal aproximar o aluno da realidade da sala de aula e da escola, bem como mostrar a importância de refletir sobre os dados colhidos e/ou observados. Compreender os processos de ensino-aprendizagem tanto na teoria, como na prática é de suma importância para a formação do futuro professor, pois este desempenha um papel fundamental na formação de indivíduos críticos. A prática de reflexão tem contribuído para o esclarecimento e o aprofundamento da relação dialética prática-teoria-prática, que revela as influências teóricas sobre a prática do professor e as possibilidades ou opções de modificação na realidade da prática docente. Portanto, para o professor de 1º Ciclo, enquanto docente de uma disciplina que possui muitas possibilidades de ensino e um papel fulcral na formação do indivíduo, já que é a primeira referência do aluno, a observação é também uma ferramenta de construção metodológica, no sentido em que coloca o futuro professor em contato com a didática do professor observado. Essa interação realizada entre o observado e o observador é muito importante, pois proporciona-nos a possibilidade de compreender que a prática pedagógica do professor é histórica e se adequa conforme as suas experiências. Sendo assim, a observação é um momento e uma ação de aprendizagem.

*A observação é uma ferramenta fundamental no processo de descoberta e compreensão do mundo. O ato de observar pode desencadear muitos outros processos mentais indispensáveis à interpretação do objeto analisado, principalmente se for feito com o compromisso de buscar uma análise profunda dos fenômenos observados. (Aragão e*

### 2.1.4.3. Apresentação e discussão dos resultados

Tendo em conta a questão de investigação – “De que forma a música poderá potenciar as aprendizagens das crianças?” – apresenta-se neste ponto a análise e a discussão dos resultados.

*“A observação de situações educativas continua a ser um dos pilares da formação de professores (...), demonstrando a investigação que não há um modelo de bom professor, mas sim uma infinidade de modelos possíveis” (Estrela, 1986, p.61).*

Porém, deve recorrer-se a este instrumento de uma forma consciente, que permita uma análise crítica e reflexiva sobre os objetivos que se pretendem alcançar. Deste modo e analisando as observações realizadas em função das atividades planificadas, verifica-se que a maioria das crianças revelou mais empenho na realização das tarefas assim como desenvolveu algumas aprendizagens (Apêndice III), considerando a música como um instrumento integrador de ensino e aprendizagens em proveito do desenvolvimento global das crianças, uma vez que pelo facto de ser pouco usual e muito agradável trabalhar com música, as crianças revelaram uma predisposição diferente para a lecionação e desenvolvimento das atividades em contexto escolar. É de realçar a importância de adaptar o processo de ensino às novas metodologias, para motivar e sensibilizar as crianças para o ensino, como Patrício (2001, p.234) refere: *“A escola tem que ensinar, (...) tem que ensinar com recurso às melhores metodologias e às mais eficazes estratégias de motivação.”*

Passo então a expor cada uma das observações realizadas entre o dia 24 de outubro e o dia 21 de novembro de 2016.

- (i) **1.ª Observação (apêndice II)** – Foi colocado um vídeo musical com o objetivo de motivar e despertar atenção para o tema que estava a ser desenvolvido na aula de português. Esta situação permitiu concluir que o grupo ficou motivado e predisposto a aprender, assim como conseguiram prever qual seria o tema da aula. Também foi possível entender que os alunos não estavam habituados a contactar com este tipo de recurso. A música esteve em interdisciplinaridade com a área do português, pois foi possível compreender o texto, antecipar o conteúdo e ainda realizar leitura em voz alta através da audição e visualização atenta da música.

- (i) **2.<sup>a</sup> Observação (apêndice III)** - Audição de uma música e posterior leitura da letra da mesma. Esta situação permitiu aferir novamente que o grupo ficou motivado e predisposto a aprender quando confrontados com este tipo de recurso educativo. Isto verificou-se porque foi oferecido às crianças uma forma diferente de ouvir o texto o que despertou atenção das mesmas. Ao receber as fichas, algumas delas notaram de imediato que era a letra da música, o que mostra que elas estavam atentas e interessadas. A música esteve em interdisciplinaridade com a área do português, pois foi possível compreender o texto, transmitir informações essenciais do texto, antecipar o conteúdo e ainda realizar leitura em voz alta.
- (ii) **3.<sup>a</sup> Observação (apêndice IV)** - Após uma breve explicação da ficha a realizar (matemática) é colocada música ambiente – Beethoven – até ao final da realização da mesma. Esta situação permitiu concluir que as crianças não estavam familiarizadas a ouvir música clássica. No entanto, depois de uma breve explicação, conseguiu-se o pretendido, o equilíbrio da sala, silêncio no decorrer da realização da ficha. Penso que este é um aspeto muito importante pois nos dias de hoje torna-se muito complicado manter o silêncio nas salas de aula. No entanto, nem sempre o resultado foi positivo, uma vez que, este tipo de música resulta apenas durante a realização das tarefas, pois quando as crianças começaram a entregar as fichas o burburinho voltou. Mesmo assim constatou-se que este recurso foi uma mais-valia para a realização da ficha.
- (iii) **4.<sup>a</sup> Observação (apêndice V)** – Após um breve diálogo de “bons dias” é colocada a música “Castanhas, castanhas”. Com esta música pretende-se antecipar o tema da aula – o outono – bem como auxiliar os alunos na realização de um acróstico a partir da palavra castanha. Esta situação permitiu motivar os alunos, cativar a sua atenção para o resto da aula assim como permitiu antecipar o tema, em geral as crianças demonstraram mais uma vez interesse pela música e reconheceram o tema sem grandes dificuldades. Mais tarde também se verificou que algumas crianças aproveitaram algumas palavras da música para realizar o acróstico o que demonstra o desenvolvimento de algumas aprendizagens.
- (iv) **5.<sup>a</sup> Observação (apêndice VI)** - Visualização da Vídeo Musical “Par ou ímpar” aquando do desenvolvimento deste novo conteúdo (os números pares e ímpares), no decorrer de uma matéria nova. Esta situação permitiu às crianças distinguir os números pares dos números ímpares através das animações audiovisuais, assim como identificar um número par como uma soma de parcelas iguais, ou seja, a música esteve em interdisciplinaridade com a área da matemática. O recurso a este instrumento também

favoreceu o empenho e a participação nas atividades propostas por parte de todos os alunos.

Ao iniciar as diversas atividades com o apoio da música, constatei de imediato que as crianças não estavam habituadas a este recurso, pois, notou-se admiração ao ouvir música na sala, o que evidenciou a falta deste recurso no percurso escolar destas crianças (Apêndice II). No entanto, esta reação para mim foi bastante positiva e motivadora, porque foi possível obter toda a atenção das crianças, uma vez que o meu objeto de estudo era um recurso totalmente novo no contexto de sala de aula.

Assim sendo e conforme as minhas expectativas, as observações revelaram que as crianças gostam de música, quer seja para aprender, quer seja para simplesmente ouvir, ou seja, como forma de entretenimento e concentração.

Perante isto, os resultados apontam que a música pode ser um recurso muito vantajoso no processo de ensino-aprendizagem, pois, suscita o interesse das crianças para saber mais sobre um determinado assunto, tema ou conteúdo. Deste modo, é importante realçar que existe efetivamente uma interdisciplinaridade entre as mais diversas áreas de conhecimento e a música, uma vez que esta pode intervir na aprendizagem dos conceitos e ainda no apaziguamento da turma o que facilita a interação e o trabalho com a mesma. Como consequência, elas empenham-se mais nas tarefas solicitadas, o que possibilita uma aprendizagem mais facilmente compreendida, podendo ir mais além do que era pretendido, uma vez que o seu interesse foi estimulado.

Salientando a importância da individualidade, do olhar para cada criança no meio de um grupo, optei por realizar uma entrevista (apêndice I) a cada criança da sala sobre a opinião delas acerca da música no decorrer das horas letivas. Este instrumento de recolha de dados permitiu observar que as crianças entendem e aprovam a utilidade da música na sala de aula, sendo capazes de identificar a função da música durante a realização das tarefas, assim como a função dos vídeos como agentes facilitadores de aprendizagem. Também foi possível constatar que os alunos do 2.º F, apesar de inexperientes por ainda se encontrarem no segundo ano de escolaridade, já conseguem organizar as suas ideias e definir o que realmente querem aprender.

No que concerne à primeira questão “Colocamos música na nossa sala. O que achas disso?”, a opinião dos alunos quanto à utilização de música de fundo em sala de aula é unânime, pois, todos preferem as aulas com música. A maioria das crianças referiu que se sentem mais concentradas e a turma fica mais silenciosa, muito mais atenta às tarefas o que permite que estas sejam realizadas com maior rapidez, obtendo resultados mais satisfatórios. Há ainda uma aluna que mostra grande satisfação face a esta nova alteração na dinâmica das aulas. Assim,

globalmente, a turma considera positiva a utilização da música como complemento à realização das tarefas letivas.

*Gráfico 1- Colocamos música na nossa sala. O que achas disso?*



No Gráfico 1, observa-se que para a maioria dos alunos a música é bonita (8 alunos), seguido dos alunos que consideram que a música ajuda a silenciar (5 alunos), sendo adorável (4 alunos) e acalma (4 alunos). Isto significa que os alunos encaram a música de forma positiva, podendo ser utilizada ao longo da realização de tarefas, revelando que os mesmos se sentem confortáveis com a presença do som e dispostos a trabalhar mais concentrados e em silêncio, ou seja, a música transmite satisfação pessoal e motivação nas aprendizagens, existindo deste modo espaço para a música em contexto de sala de aula, uma vez que há interdisciplinaridade entre a música e as restantes áreas do saber.

Em relação à segunda questão colocada “Os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?”, quando questionados sobre a utilização de vídeos com música em sala de aula, os alunos defendem que os vídeos ajudam a assimilar as matérias de outra forma, de uma forma mais interessante. Sublinham ainda que os conteúdos escolares, assim como os temas do dia-a-dia são melhor apreendidos através do canto, da repetição, da dança e são explorados no final de cada vídeo, o que encaram como sendo positivo e um reforço para aquilo que está a ser ensinado. Para além de trabalharem temas já conhecidos, conseguem aprender novos conceitos e matérias de forma muito mais fácil e interessante, reconhecendo que aprendem de forma mais divertida informações importantes e relevantes para o seu sucesso escolar. Isto significa que os vídeos musicais são um complemento excelente para a apreensão de novos conteúdos, assim como para explorar matérias já conhecidas. Seguem as respostas das crianças face à entrevista realizada

(como algumas crianças partilhavam da mesma opinião, agrupei alguns respostas).

*Quadro 9- Os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?*

*Fonte: Apêndice II*

---

*Os vídeos ajudam a aprender de outra forma, sobre temas da sala de aula e do dia-a-dia.*

---

*Aprendemos palavras novas repetindo, através do canto.*

---

*Gostamos de trabalhar posteriormente as músicas que ouvimos.*

---

*Aprendemos coisas novas.*

---

*Percebemos as coisas de uma forma melhor.*

---

*Cantamos e memorizamos informações importantes.*

---

*Forma mais fácil e interessante de aprender.*

---

*Aprendemos vocabulário novo.*

---

*Os vídeos apresentam as matérias de forma mais interessante e no final trabalhamos o vídeo que vimos.*

---

*Os vídeos são bonitos e interessantes.*

---

*Aprendemos de forma divertida.*

---

*A música faz pensar.*

---

*As músicas dão para cantar e para dançar.*

---

Por fim, destaco que a música pode ser um ótimo instrumento de ensino e aprendizagem, uma vez que promove a concentração, memorização, coordenação, motivação, podendo ainda ser utilizada em interdisciplinaridade com outras as áreas do saber. Deste modo, destaco o reconhecimento da música como fator agregador de conhecimento, isto significa que a música e demais artes, caminham lado a lado com o conhecimento científico, quer façamos referência a letras, quanto a números.

Portanto, de acordo com a pergunta norteadora deste projeto de intervenção pedagógica, considero a música como uma fonte verdadeiramente potenciadora de aprendizagens específicas e totalmente necessárias para a boa formação da criança enquanto indivíduo independente e sensível à arte e demais sensações que o rodeiam

## Considerações finais

*“A educação, bem compreendida, não é apenas uma preparação para a vida; ela própria é uma manifestação permanente e harmoniosa da vida. Assim deveria ser com todos os estudos artísticos e, particularmente, com a educação musical, que recorre à maioria das principais faculdades do ser humano.”*

Edgar Willems, 1970, p.10.

Neste capítulo final, apresento uma avaliação global de todo o projeto de intervenção realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. Ao longo do processo foram realizadas diversas atividades no sentido de motivar os alunos a conquistar resultados positivos ao nível das aprendizagens e ao mesmo tempo proporcionar o melhor ambiente naquela que é a segunda casa dos alunos – a escola.

Desde o tempo da Grécia Antiga, que a Música é uma disciplina importante. É uma base e alicerce, o princípio do método de aprender a ensinar para o professor. Para o aluno é o verdadeiro método de trabalho para o ensinar a estudar. A criança de forma lúdica aprende: o ritmo, o canto, a matemática, a leitura, a natureza, a escrita, o mundo social, etc.

Assim, a presente investigação pretendia caracterizar o tipo de comportamento que os alunos manifestam face ao contacto com a música em sala de aula e ainda compreender e conhecer a opinião da criança sobre a presença da música no seu percurso escolar, realçando a sua reação perante a presença de música num ambiente que geralmente não a possui. Além disso, a pergunta de investigação pretendia refletir sobre a importância e a influência da música ao longo das aprendizagens das crianças, percebendo no fundo, qual é o seu impacto para o historial escolar de cada aluno.

Deste modo, a realização deste trabalho poderá contribuir para adotar uma atitude investigativa, que irá contribuir para o sucesso, quer académico, quer profissional dos alunos visados neste estudo e não só.

Com esta forma de trabalho foi possível conhecer melhor os nossos alunos, os seus interesses e direcionar as nossas práticas, mais precisamente para os interesses das crianças, de modo a que estejam mais motivadas e predispostas a aprender. O trabalho desenvolvido neste projeto de intervenção permitiu-me adquirir experiência e desempenhar um papel de investigadora ativa e participativa. Procurei, ao longo do

projeto, investigar, estudar e responder da melhor forma às situações que ia vivenciando com os alunos no dia-a-dia.

Para além dos resultados que consegui recolher com este projeto senti necessidade de contactar com um professor que já utilizasse frequentemente a música nas suas aulas (Apêndice II). Trata-se de um professor do género masculino, com dezoito anos de experiência que leciona no 1.º ciclo. Para além de outras especializações, possui o 4.º grau do Conservatório Regional de Música de Coimbra. Em conversa quase que informal com ele percebi utiliza a música como método quase diário na leccionação das suas aulas. Segundo o seu testemunho, ao longo destes anos foi descobrindo que “o conhecimento de músicas populares de uma educação popular feita no seio familiar conduz as crianças de forma mais ou menos habilidosas. Os que cantam melhor com o método que criei, são os que conseguem ler melhor. A divisão silábica, o ritmo da palavra, a consciência fonológica, o raciocínio matemático composto pelo compasso e a duração das figuras musicais transforma a criança numa poderosa máquina intelectual. O brincar com sons e a memória desses sons com o código linguístico é a melhor arma no processo da leitura/escrita. As próprias vogais/consoantes só ganham vida com o som. A forma escrita das letras acabam por ter som... as curvas das letras, têm sons em silêncio... no meu método trabalho sons de animais, ruídos com a forma escrita... os gestos, a dança andam associados à forma escrita, isto muitas vezes com o próprio vocabulário escrito com o corpo”.

Avalio de forma positiva a minha prática pedagógica e o resultado do trabalho de investigação e intervenção. Todo este trabalho foi enriquecedor, pois conferiu há minha prática profissional experiências, oportunidades, autonomia e o desejo de investigar e saber mais. Graças a este trabalho pude constatar o meu crescimento e avanço como professora investigadora.

Após ter realizado este projeto, compreendo que devemos sempre investigar e avaliar a nossa ação, sabendo que devemos e podemos mudar o nosso plano de intervenção no sentido de melhorar a prática, obter melhores resultados e nos adaptarmos aos alunos e às suas necessidades. Desta forma, com um olhar mais sistematizado, procurei, de forma ativa, dar resposta às problemáticas observadas.

De acordo com este estudo foi possível verificar que com a intervenção musical, tudo se tornou mais simples e de fácil compreensão. Deste modo, posso afirmar que existe realmente uma interdisciplinaridade da música com qualquer área do saber, mas no caso da experiência desenvolvida – português e matemática – podendo ser utilizada em

qualquer contexto, desde que os materiais sejam devidamente selecionados e o ambiente seja propício à aprendizagem.

Tal como mencionado anteriormente, a música pode ser aplicada em qualquer área do saber. Também o professor com quem falei referiu que “A música é indissociável das restantes áreas: tem matemática, começa logo com a divisão fracionária dos compassos e a duração das figuras e um excelente treino para ser um grande matemático. Na poesia, na canção, no processo da leitura/ escrita a música é a base com a memória dos sons e das letras. A pintura anda muitas vezes associada ao som...as consoantes/vogais são pequenos retratos feitos de sons. As figuras musicais além de uma linguagem matemática são formas de pintura...desenhar figuras musicais é pintar, construir esquemas. Depois é uma linguagem universal, pois é conhecida por todos do planeta Terra. É a forma de comunicação mais conhecida”.

A música revelou-se um ótimo apaziguador na sala de aula, uma vez que acalmou os alunos e a sala tornou-se um local sereno, onde só os acordes se ouviam. A música revelou-se ainda muito estimulante para a memorização. Focando agora a matemática, uma vez que através da música, as crianças revelaram muito mais apetência para a memorização dos conteúdos abordados – números pares e ímpares – do que em outras ocasiões em que a música não esteve presente.

Portanto, o uso da música em contexto escolar ajuda a estimular o órgão mais poderoso do corpo humano – cérebro – o que nos tornará mais bem-sucedidos e certamente mais felizes.

A música revela-se ainda um importante instrumento para ensinar as crianças o quão importante é o trabalho de grupo e o companheirismo entre pares, uma vez que para existir uma melodia é necessário que existam várias pessoas envolvidas a trabalhar no mesmo sentido.

Como já foi mencionado acima, a música é um importante estímulo de comunicação não só para as crianças, mas para o ser humano, uma vez que a música é uma linguagem universal, que todos podemos falar. Além disso, a música desperta na criança a sensibilidade e criatividade, tornando-a num ser com aptidão para as artes desde cedo, quando estimulados em tenra idade.

Outro dos benefícios do uso da música em sala de aula prende-se com o facto de ela elevar a autoestima da criança constituindo uma boa ferramenta para recuperar a confiança e a alegria até nos momentos mais difíceis. Além disto, a música promove uma melhor coordenação motora quando utilizada em interdisciplinaridade, por exemplo com

a Educação Física, uma vez que vai possibilitar às crianças do 1.º Ciclo a apreensão de movimentos que se relacionam com uma determinada música. Ora, os seus movimentos serão determinados através do ritmo e género musical a que a música pertence.

É de salientar que este trabalho ultrapassou as expectativas em relação ao grupo de crianças, na medida em que é notório que as crianças do 2.º ano do Centro Escolar de Penafiel pertencem a um grupo homogéneo, com interesses comuns e bem definidos. A conversa com as crianças salientou o gosto que estas têm pela música e por apreender cada vez mais e de forma diversificada e inconventional.

Pelos resultados obtidos da investigação mencionada e pela aplicação de algumas atividades musicais, poder-se-á dizer que a educação pela música poderá ser uma estratégia de intervenção pedagógica muito proveitosa que acarreta vantagens para a aprendizagem das crianças e para a sua auto estima, ou seja, enquanto professores devemos fazer uso da música como um meio para atingir um fim mas também como uma estratégia para criar um ambiente tranquilo na sala de aula que favorece a concentração dos alunos. Considero então, que a música é integradora e contributária às restantes áreas, pois tudo anda à volta do som, do gesto e do movimento, ou seja, todas as áreas disciplinares são envolvidas pela música.

## Conclusões

O trabalho desenvolvido neste projeto de intervenção permitiu-me adquirir experiência e desempenhar um papel de investigador ativo e participativo. Procurei, ao longo do projeto, investigar, estudar e responder da melhor forma às situações que ia vivenciando com os alunos. Avalio de forma muito positiva a minha prática pedagógica e o resultado do trabalho de investigação e intervenção.

Todo este trabalho foi enriquecedor, pois conferiu à minha prática profissional experiências, oportunidades, autonomia e o desejo de investigar e saber mais. Após ter realizado este projeto, compreendo que devemos sempre investigar e refletir sobre a nossa ação, sabendo que devemos e podemos mudar o nosso plano de intervenção no sentido de melhorar a prática, obter melhores resultados e nos adaptarmos aos alunos e às suas necessidades. Desta forma, com um olhar mais sistematizado, procurei, de forma ativa, dar resposta às problemáticas observadas.

Ao longo do projeto de intervenção, como já referido, recorreu-se à música e às suas características lúdicas para captar a atenção do aluno e proporcionar uma aprendizagem significativa. Foram diversas as estratégias que permitiram observar o potencial da música em contexto de sala de aula, como as canções das letras (que permitiram memorizar de forma lúdica as letras aprendidas); a “Canção das Sílabas” (para a prática da leitura silábica); o contacto diversificado com obras literárias, etc... Estas estratégias permitiram, utilizando uma perspetiva lúdica e ativa, que as crianças se envolvessem com entusiasmo nesta aprendizagem da leitura e da escrita. Foram, assim, variadas as atividades realizadas ao longo do projeto que permitiram o contacto com a música.

De acordo com os objetivos de investigação e intervenção propostos, estudei o contributo da música na construção de conhecimento, tendo sido observados resultados muito positivos, como demonstrado pelos dados recolhidos. Na investigação e intervenção realizada, a música apresentou-se como um elo de ligação com as crianças e as suas aprendizagens, nomeadamente ao nível da leitura e da escrita, mas também no que à matemática diz respeito. Cabe, efetivamente, ao professor, observar previamente os conhecimentos de cada aluno, de modo a planificar as suas aulas com base nas dificuldades evidenciadas por estes. Nesta ordem de ideias, torna-se fundamental que o aluno, quando entra para o 1.º ciclo do ensino básico, se ainda não teve a oportunidade,

se familiarize com o mundo da cultura musical, pois se os resultados são importantes, as suas causas, a bom ritmo, irão possibilitar que ninguém se perca ao longo do percurso que é interdisciplinar. Avalio de forma positiva o decorrer deste projeto, a apropriação, as aprendizagens e o desenvolvimento dos alunos face à inserção da música em ambiente escolar. No final deste projeto foi notório um progresso dos alunos neste âmbito, através dos dados das fichas de observação que, apesar de serem relativos, demonstram uma melhoria bastante significativa das aprendizagens realizadas.

A realização deste relatório final foi algo fundamental que levaremos para a vida enquanto futuras docentes, pois nele está presente todo o nosso percurso académico, assim como os conceitos investigados e assimilados, as nossas dificuldades, as propostas concebidas, as aprendizagens vividas e, sobretudo, a noção de que investigar sobre a própria prática é algo que devemos fazer sempre na vida docente.

O segredo de uma boa prática reside na diversificação, na autonomia dos professores para, mediante um tema, planearem práticas diferentes, motivadoras, dinâmicas que tenham como foco a aprendizagem por parte das crianças e a sua motivação, já que se as crianças se sentirem motivadas, com certeza alcançarão excelentes resultados. Daí, ser tão importante investigar, ou melhor, pesquisar, investigar e compreender alguns conceitos que nos ajudarão a adotar práticas potenciadoras do sucesso escolar.

Segundo Zeickner (1993) “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência e que o tipo de saberes inteiramente tirado da experiência dos outros (...) é, no melhor dos casos, pobre, e no pior, uma ilusão.” É neste contexto que surge o conceito de interdisciplinaridade, o qual engloba uma colaboração entre duas ou mais disciplinas e tem como objetivo abordar problemas específicos de um tema de forma conjunta, com olhares diversificados (Maingain e Dufour, 2008). Esta colaboração leva a uma integração de competências, de trocas recíprocas e, conseqüentemente, a um enriquecimento de saberes, que só irão beneficiar os alunos e facilitar o processo de ensino e aprendizagem (Oliveira, 2010; Pombo, 2004).

No caso da música, a mesma interrelaciona a aprendizagem de conhecimentos de diversas disciplinas, assimilando diversos conteúdos que incentivam as crianças, ajudam na linguagem e nos papéis sociais, encoraja a criatividade e exerce uma influência positiva, quer a nível mental quer a nível físico e social (Sheppard, 2005).

Para isso, deve ser criado um ambiente lúdico e afetivo, onde as crianças se sintam à vontade, de modo a criar elementos de linguagem musical (timbre, ritmo, melodia e expressividade) e a utilizar de forma intencional a voz, audição, visão, tato, corpo e objetos sonoros (Ferrão e Rodrigues, 2008). Quanto ao papel dos professores, o mesmo é relevante na educação pela música, pois, maximiza a oportunidade de investigação sobre as crianças e a música, utilizando a arte como meio de alcançar os objetivos predefinidos nos currículos escolares (Peery, 2010). Se este trabalho for realizado em conjunto com os professores de outras disciplinas, então as crianças sairão beneficiadas, uma vez que assimilam mais conhecimentos, experiências e saberes, podendo integrá-los da forma mais adequada e consoante cada situação (Vasconcelos, 2006).

Em contrapartida, quando surgem as dificuldades com que os professores têm que lidar, só os melhores é que ingressam e permanecem no ensino, e é cada um que decide se quer fazer a diferença ou então se queremos ser mais um professor entre todos os que existem.

Assim sendo, teremos de primar pela diferença, e uma das formas de distinguir os docentes é pela ação de ensinar. Ensinar, hoje em dia, caracteriza-se pela capacidade de fazer aprender o que está estabelecido no currículo aliada à capacidade de o fazer de forma dinâmica, exploratória, investigativa, ou melhor, de forma a levar os alunos a aprender realmente o que se pretende ensinar, ou mesmo além disso! Conforme Roldão (2007) “*O professor profissional – é aquele que ensina não apenas porque sabe, mas porque sabe ensinar. E saber ensinar é ser especialista dessa complexa capacidade de mediar e transformar o saber conteudinal curricular - seja qual for a sua natureza ou nível - pela incorporação dos processos de aceder a, e usar o conhecimento, pelo ajuste ao conhecimento do sujeito e do seu contexto, para adequar-lhe os procedimentos, de modo que a alquimia da apropriação ocorra no aprendente.*”

Ser especialista é também ser informado, é investigar e discutir as próprias práticas com outros docentes, é partilhar com a sua comunidade educativa todos os pontos positivos para alcançarem o sucesso coletivo.

Portanto, importa levar para o futuro a bagagem necessária para tentarmos ser docentes de qualidade. Investigar a nossa prática levar-nos-á a melhorá-la e não só, uma vez que poderá também ser a resolução dos problemas de outros docentes, por isso, será um ponto importante no nosso desempenho profissional.

Ao longo desta experiência educativa, deparei-me com algumas dificuldades no que concerne à preparação e execução das atividades, pois procurava desenvolver as práticas educativas da forma mais assertiva possível. Se por um lado queria tranquilizar as crianças em sala de aula, por outro pretendia fortalecer as aprendizagens de uma forma mais lúdica.

Assim, resolvi estudar de que forma a música poderia funcionar como recurso metodológico. Entendendo a importância que a música tem no desenvolvimento das crianças considerei pertinente compreender de que forma é que ela poderá valorizar as aprendizagens em sala de aula. Interligar a música nas diferentes áreas do saber contribui para a motivação das crianças e de certo modo para o desenvolvimento de determinadas competências e aprendizagens. Por vezes, senti algumas limitações na interligação das áreas e na planificação das aulas tomando consciência da complexidade da minha profissão. Baptista determina a profissão docente como “uma profissão exigente em relação à qualidade do seu desempenho” e “que assume a responsabilidade de dar rosto ao futuro” (Baptista, 2005, p. 113). É neste seguimento que testemunho a importância da mudança nas salas de aula, onde a música pode ser vista com maior proveito, uma vez que constitui um forte recurso educativo, que deve ser utilizado adequando as suas potencialidades à intervenção educativa e às características do grupo em causa, valorizando a individualidade.

Admito que no início do projeto me deparei com algumas dificuldades no que toca a estruturação da minha intervenção de acordo com o tema, sendo que os dados recolhidos pela investigação teórica eram escassos. Porém, nesta dificuldade encontrei o desejo de investigar futuramente muito mais sobre a música e os seus contributos para a aprendizagem dos alunos nas mais diversas áreas e a sua interdisciplinaridade com todos os temas em enfoque no 1.º Ciclo. Deste modo, considero que a música pode de facto vir a ser utilizada como recurso metódico em contexto de sala de aula assim como explorada e apreciada pelos alunos e, até mesmo, por professores.

Considero que a duração do estágio foi, também, uma limitação no desenvolvimento do projeto. Porém, apesar deste limite de tempo e de considerar que a evolução dos alunos não se deve exclusivamente à minha intervenção, descrevo como muito significativas e vantajosas as estratégias adotadas. Assim, para o futuro seria aconselhável a realização de mais do que um ciclo de investigação-ação, tentando desenvolver outros planos de ação que poderiam ter sido realizados e analisados.

Considero um bom professor, aquele que é alegre e feliz a ensinar, natural com os alunos, atualizado e dedicado à sua turma, por essa razão, todo este projeto teve as crianças como base principal. São elas o motor orientador da minha ação e investigação, sendo que pretendi, e pretendo, que toda a minha prática se baseie nelas: nos seus desejos, nas suas preocupações, nos seus anseios, nas suas dificuldades individuais. As crianças são o principal rumo da Educação: temos de nos aproximar delas e ajudá-las no processo de ensino e aprendizagem, para assim, de mãos dadas, crescermos os dois (professor e aluno).



## Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Alarcão, I. (2005). *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Almeida, C. (2008). *Estudio sobre la activación de las aptitudes y competencias musicales*. Dissertação de doutoramento (não publicada). Universidade de Valladolid: Valladolid.
- Alonso, L., & Roldão, M. (2005). *Ser Professor do 1º Ciclo: Construindo a Profissão*. Coimbra: Edições Almedina.
- Alonso, L., Sousa, F., Gonçalves, L., Medeiros, C., & Carvalhinho, C. (2011). *Referencial curricular para a educação básica na Região Autónoma dos Açores*. Secretaria Regional da Educação e Formação Direção Regional da Educação e Formação;
- Arbonés, J., & Milrud, P. (2011). *A harmonia numérica: música e matemática*. Barcelona: RBA Coleccionable.
- Arosón, E., Wilson, T., & Brewer, M. (1998). Experimental in social psychology. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (4ª Ed). (pp. 99-142). New York: McGraw-Hill.
- Baptista, A., Viana, F. & Barbeiro, L., (2011). O Ensino da Escrita: Dimensões gráfica e ortográfica 1st ed. M. da E. D.-G. de I. e de D. Curricular & Autores, eds., Lisboa: Ministério da Educação Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular Autores. Available at: [http://dge.mec.pt/outrosprojetos/data/outrosprojectos/Portugues/Documentos/ensino\\_escrita\\_net.pdf](http://dge.mec.pt/outrosprojetos/data/outrosprojectos/Portugues/Documentos/ensino_escrita_net.pdf). Baskerville, (1999).
- Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Barreira, N. (2011). Música e educação terapêutica. In Ferraz, M. *Terapias Expressivas Integradas*. (pp. 133-139). Coleção Expressão em Terapia. Lisboa: Tuttirév Editorial.
- Bianchi, R. (2013). A importância da musicalização no desenvolvimento infantil de crianças de zero a três anos. *Mostra de iniciação científica do CESUCA*, 0 (7), 2317- 5915.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de investigación educativa*. CEAC.
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas in Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, p. 15-80.
- Brito, T. A. (2003). *Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança*.

- São Paulo: Peirópolis,
- Burnard, P. (2013). Teaching music creatively. In P. Burnard, & R. Murphy, *Teaching Music Creatively* (pp. 1-11). Abingdon: Routledge.
- Carvalho, M. (2008). Ludopsicopadagogia – Musical. Disponível em: [http://www.psicopedagoga.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13&Itemid=43&limitstart=2](http://www.psicopedagoga.org/index.php?option=com_content&view=article&id=13&Itemid=43&limitstart=2)
- Carvalho, S. (2011). *Terapia da música e do som em crianças com Necessidades Educativas Especiais*. Dissertação em II Ciclo em Ciências da Educação, Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal.
- Castro, G. (2009). A escola do séc. XXI. *Revista de Educação do Ideau*, Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU, 4 (9).
- Chiarelli, L. & Barreto, S. (2005). A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista Recrearte*, (3).
- Condessa, I. (2006). O movimento criativo. In G. Castro & M. Carvalho (coord.). *A Criatividade na Educação*. (pp.37-52). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Condessa, I. (2009). A Educação Física na Infância. Aprender: a brincar e a praticar. In I. Condessa (org.). *(Re)aprender a brincar: Da especificidade à diversidade*. (pp.37-49). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Correia, M. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, 13 (2), 30-36.
- Craidy, C. M.; Kaercher, G. (2001), (Orgs). *Educação Infantil: Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed.
- Estrela, A. (1986). *Teoria e prática de observação de classes – Uma estratégia de formação de professores*. (2ª edição). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Fazenda, I. (2015). Interdisciplinaridade: Didática e prática de ensino. *Revista Interdisciplinaridade*, 6, 9-17.
- Fernández, J. (2002). Perfil docente e modelos de formação. In: La Torre, S., Barrios, O. *Curso de Formação para Educadores*. (p.19-44). São Paulo: Madras.
- Fernandes, S. (2010). *Prática de ensino supervisionada em educação pré-escolar e do ensino do 1.º ciclo do ensino básico*. Relatório de estágio. Escola Superior de Educação de Bragança. Bragança.
- Ferrão, A., & Rodrigues, P. (2008). *Sementes de Música para bebés e crianças* (3ª edição). Alfragide: Editorial Caminho.

- Ferreira, F. I. (2003). *O Estudo do Local em Educação: dinâmicas socioeducativas em Paredes de Coura*. Tese de Doutoramento. Braga: Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho.
- Formosinho, J. (2002). *A supervisão na formação de professores – da sala à escola*. Porto: Porto Editora.
- Gardner, H. (2009). An education grounded in Biology: Interdisciplinary and ethical considerations. *Journal Compillation. International Mind, Brain, and Education Society and Blackwell Publishing*, 3 (2), 68-73.
- Godinho, J., & Brito, M. (2010). *As artes no jardim-de-infância: Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Góes, R. (2009). A música e as suas possibilidades no desenvolvimento da criança e do aprimoramento do código linguístico. *Revista do Centro de Educação à Distância - CEAD/UDESC*, 2, 27-43.
- Gordon, E. (2008). *Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar* (3ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Granja, C. (2006). *Musicalizando a escola: Música, conhecimento e educação*. São Paulo: Escrituras Editora.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança* (6ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jaeger, W. (2003). *Paideia. A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Koelsch, S. (2009). *A neuroscientific perspective on music therapy*. *Annals of the New York Academy of Sciences*, Jul; 1169:374-84. PubMed PMID: 19673812.
- Leitão, A., & Alarcão, I. (2006). Para uma nova cultura profissional: Uma abordagem da complexidade na formação inicial de professores do 1º CEB. *Revista Portuguesa de Educação*, 19 (2), 51-84.
- Lessa, E. (2006). Atividades de Enriquecimento Curricular no 1º ciclo - Ensino da Música. *Revista de Educação Musical*, 125, 21-38.
- Levitin, D. (2007). *Uma paixão humana – O cérebro e a música*. Lisboa: Bizancio.
- Lima, C., & Mello, L. (2013). A importância da música no processo de aprendizagem. *Revista Científica Multidisciplinar das Faculdades São José - Ciência Atual*, 1, 97-106.
- Lisboa, J. (2005). Reflectindo sobre a formação. In: Alonso, L., Roldão, M. (Orgs.). *Ser Professor do 1º Ciclo: Construindo a Profissão*. Coimbra: Almedina.
- Machado, G. (2007). A relevância das características pessoais no processo de desenvolvimento profissional docente. In C. Leite & A. Lopes (org.). *Escola, Currículo e Formação de*

- Identidades*. (pp.213-231). Lisboa: Edições ASA.
- Maingain, A., & Dufour, B. (2008). *Abordagens didáticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Horizontes pedagógicos.
- Mansilla, V., & Duraising, E. (2007). Targeted assessment of students' interdisciplinary work: An empirically grounded framework proposed. *The Journal of Higher Education*, 78 (2), 215–237.
- Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento profissional docente: Passado e futuro. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 8, 7-22.
- Marques, R. (2001). Saber educar – Guia do professor. *Colecção Ensinar e Aprender*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marques, J. (2013). *O Contributo da Expressão Musical nos Primeiros Anos da Educação Básica*. Relatório de Estágio. Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo.
- Mesquita, E. (2011). *Competências do professor – Representações sobre a formação e a profissão*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: DGIDC.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização curricular e programas do ensino básico - 1.º Ciclo*. (4.ª ed.). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Moresi, E. (2003). *Metodologia da Pesquisa*. Brasília: Universidade Católica de Brasília – UCB.
- Mónico, L. (2010). *Religiosidade e optimismo: Crenças e modos de implicação comportamental*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Morgado, J. (2004). Educar no século XXI: Que papel para o (a) professor (a)? In: Moreira, A. Nicolau, M. L.; Dias, M. C. M. (orgs.), (2003). *Oficina de sonho e realidade na formação do educador da infância*. 3. Ed. Campinas, São Paulo: Papyrus
- Pacheco, J., & Garcia, R. (Orgs.). *Currículo: pensar, sentir e diferir*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Oliveira, E. (2010) *Interdisciplinaridade*. Disponível em <http://www.infoescola.com/pedagogia/interdisciplinaridade>
- Ongaro, C., Silva, C., & Ricci, S. (2014). A importância da música na aprendizagem.
- Patrício, M. F. (org) (2001). *Escola, aprendizagem e criatividade*. Porto: Porto Editora
- Pawlowski, C., Andersen, H., Troelsen, J., & Schipperijn, J. (2016). Children's physical activity behavior during school recess: A pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview. *Plos One*, 11 (2).
- Peery, J. (2010). A música na educação de infância. In B. Spodek. *Manual de Investigação em Educação de Infância*. (2ª edição). (pp. 461-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Pereira, A. (2013). Motivação na aprendizagem e no ensino. In F. Veiga (Org.), *Psicologia da Educação: teoria, investigação e aplicação. Envolvimento dos alunos na escola* (Cap. 11, pp. 445-493). Lisboa, Portugal: Climepsi Editores.
- Pimenta, C. (Org.) (2004). *Interdisciplinaridade, humanismo, universidade*. Porto: Campo das Letras.
- Pinheiro, A. (2008). *A importância do estágio*. Disponível em: <http://www.artigonal.com/recursos-humanosartigos/a-importancia-do-estagio-403435.html>.
- Pombo, O. (2004). *Interdisciplinaridade. Ambições e limites*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Pombo, O. (2005). Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, 1 (1), 3-15.
- Pombo, O., Guimarães, H. & Levy, T. (Eds.). (2006). *Interdisciplinaridade – Antologia*. Porto: Campo das Letras.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, famílias e creches – Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas Educativas em Creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Reis, C. (2009). *Programa de Português do ensino básico*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação
- REIS, S. (2013). *Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*. Instituto Politécnico de Bragança: Escola Superior de Educação. Disponível no site: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/7695>.
- Robinson, K. (2011). *Out of our minds – Learning to be creative*. United Kingdom: Capstone Publishing.
- Roldão, M. (2007). Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação*, 12 (34), 94-181.
- Santos, J. (2007). *Ética e deontologia – Representações de professores*. Sintra: Associação de Professores de Sintra.
- Santos, M. (2010). *A interdisciplinaridade na educação infantil*. Alta Floresta: Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena. Disponível em: [http://biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia\\_20140227105041.pdf](http://biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20140227105041.pdf).
- Sheppard, P. (2005). *Music makes your child smarter*. USA: Artemis Music Limited.
- Silva, P. (2012). *A música como veículo promotor de ensino e aprendizagem*. Relatório de Estágio, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Silverman, D. (2006) *Interpreting qualitative data. Methods for analyzing texts, talk and*

- interaction*. London: Sage.
- Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação* (3º volume). Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Souza, L. V. (1999). *Sentido na Produção de texto Crianças em fase de alfabetização - Goiânia*, FONTE DE FINANCIAMENTO: PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INCENTIVO A DOCÊNCIA – PIBID.
- Strand, J., Olin, E., & Tidefors, I. (2015). Mental health professionals' views of the parents of patients with psychotic disorders: A participant observation study. *Health & Social Care In The Community*, 23 (2), 141-149.
- Terzi, S. B. (2001). *A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas: P Pones
- Teves, M. (2007). *Transição do pré-escolar para o ensino básico: Interação da criança com os seus pares e o professor: Estudo de caso*. Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Thiesen, J. (2008). A interdisciplinaridade como um movimento de articulação no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, 13 (39).
- Vasconcelos, A. (2006). *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Associação Portuguesa de Educação Musical.
- Willems, E. (1970). *As bases psicológicas da educação musical*. Bienne (Suíça); Edições ProMúsica.
- Yin, R. (1994). *Case study research: design and methods* (2ª Ed). Thousand Oaks, CA: Sage Publications
- Yin, R. (2011). *Data collection methods qualitative research from start to finish*. New York: The Guilford Press.
- Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: FPCEUL, Educa.

# Apêndices

## **Apêndice I – Guião da Entrevista**

O presente documento foi construído no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, lecionado no Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, e tem como objetivo recolher informação sobre a opinião das crianças em relação à utilização da música em contexto educativo.

### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Início da conversa: \_\_\_\_:\_\_\_\_ Fim da conversa: \_\_\_\_:\_\_\_\_ Duração: \_\_\_\_\_

### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

Criança com NEE: \_\_\_\_ Sim \_\_\_\_ Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Por vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

\_\_\_\_\_

1. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

\_\_\_\_\_

Obrigada pela colaboração.

Joana Mendes

### Guião da entrevista - Afonso

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 12/12/2016

Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 11 h 40 Fim da conversa: 11 h 47 Duração: 7 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Afonso José Dias Pinto Alves Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F Data de nascimento: 20 / 12 / 2009 Idade: 6 anos

Concelho de residência: Paredes Criança com NEE:  Sim  Não

#### Parte III - Questões da entrevista

1. Afonso, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho bonito porque as músicas são bonitas, ficamos mais calmos porque a música é calma...e todos adoram, e aqueles com vídeos também são bonitos.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim, com aqueles da higiene aprendemos a escovar os dentes e a lavar as mãos...*

### Guião da entrevista - Alexandre

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 15/12/2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9 h 21 Fim da conversa: 9 h 28 Duração: 7 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Alexandre Mendes Sobral Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F Data de nascimento: 17 / 07 / 2009 Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel Criança com NEE:  Sim  Não

#### Parte III - Questões da entrevista

1. Alexandre, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*São bons momentos para nós, a música acalma e aprendo a descontrair mais.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Esses vídeos são mais animados e conseguimos aprender mais coisas com eles.*

### Guião da entrevista – Ana Rita Oliveira

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9 h 33 Fim da conversa: 9 h 39 Duração: 6 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Ana Rita da Silva Oliveira

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 08 / 03 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### Parte III - Questões da entrevista

1. Ana Rita, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*É bonito, acho que ficamos concentrados e fica mais silêncio na sala.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim, por exemplo quando cantamos coisas sobre vários temas.*

### Guião da entrevista – Ana Rita Pinto

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 12 h 18 Fim da conversa: 12 h 23 Duração: 5 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Ana Rita Vieira Pinto

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 14 / 10 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Rita, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho bem porque eu adoro música e quando ouço aquelas músicas fico relaxada e ajudam a concentrar.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Aprendo a cantar e com a letra aprendo palavras e outras coisas interessantes.*

### **Guião da entrevista – Beatriz Pereira**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 14 h 10 Fim da conversa: 14 h 17 Duração: 7 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Beatriz Ferreira Guerra Pereira

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 11 / 05 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Bea, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho bom para nós porque as músicas mais calmas põe-nos em silêncio, ficamos mais concentrados nas tarefas.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Claro porque depois podemos responder a perguntas sobre a música e falar sobre ela, como as regras de higiene e assim.*

### **Guião da entrevista – Benedita Baleiras**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 11 h 29 Fim da conversa: 11 h 34 Duração: 5 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Benedita Garcez Franco Fernandes Baleiras

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 02 / 02 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Benedita, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Fixe porque o professor António nunca mete músicas e as músicas são sempre giras e assim fazemos menos barulhos.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim consigo aprender coisas com as músicas e com os vídeos.*

### **Guião da entrevista – Carina Eusébio**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9h15 Fim da conversa: 9h17 Duração: 2 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Carina Beatriz Pinto Eusébio

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 10 / 02 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Carina, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*É bom porque eu gosto de música e quando estamos nas tarefas despachamo-nos porque não conversamos e estamos a ouvir a música.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim. Por exemplo as músicas falam de coisas novas e isso é bom para nós aprendermos com os vídeos.*

### **Guião da entrevista – Diogo Silva**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 16 h 37 Fim da conversa: 16 h 42 Duração: 5 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Diogo Filipe Mota da Silva

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 15 / 06 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Diogo, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*A música durante as tarefas deixa-nos mais calmos e concentramo-nos mais.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Com os vídeos aprendemos coisas sobre o Natal e assim....*

### **Guião da entrevista – Gabriel Moreira**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 6 h 44 Fim da conversa: 16 h 48 Duração: 4 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Gabriel Reis Moreira

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 21 / 12 / 2009

Idade: 6 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Gabriel, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho uma coisa boa porque o tom baixinho ajuda a trabalhar bem.*

E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Os vídeos ajudam a perceber as coisas.*

### **Guião da entrevista – Íris Silva**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9 h 29 Fim da conversa: 9 h 32 Duração: 3 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Íris da Rocha Silva

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 02 / 09 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Íris, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Fixe, porque gosto de ouvir música e das músicas e elas ajudam a fazer as fichas porque ficamos concentrados.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Aprendo sim, por exemplo coisas da escola, de estudo do meio.*

### **Guião da entrevista – Joana Gomes**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 12 h 25 Fim da conversa: 12 h 28 Duração: 3 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Joana Barreira Gomes

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 28 / 02 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Paredes

Criança com NEE:  Sim  Não

#### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Joanhinha, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho giro, com as músicas mais calmas ficamos relaxados e não me desconcentro com o barulho da sala.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Os vídeos são muito giros, vocês têm bom gosto e aprendemos porque cantamos e nas músicas há informações importantes como naquela música que ensina a lavar as mãos.*

### Guião da entrevista – Joana Frade

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9 h 40 Fim da conversa: 9 h 45 Duração: 5 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Joana Magalhães Frade

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 27 / 04 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### Parte III - Questões da entrevista

1. Joanita, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*É muito bom para nós porque podemos trabalhar e toda a gente gosta de música suave que ajuda a concentrar.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Com os vídeos aprendemos muito, é uma maneira mais fácil e interessante de aprender.*

### Guião da entrevista – João Silva

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 16 h 59 Fim da conversa: 17 h 02 Duração: 3 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: João dos Reis e Silva

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 09 / 11 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. João, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Ajuda-nos nas tarefas porque assim ficamos mais calmos e pensamos melhor.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Faz-nos bem porque as músicas têm palavras novas que muita gente não sabe e coisas de estudo do meio.*

### **Guião da entrevista – João Bessa**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9 h 18 Fim da conversa: 9 h 23 Duração: 5 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: João Gomes Bessa

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 15 / 09 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Bessa, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*É bom porque somos mais rápidos porque a sala fica em silêncio.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Aprendemos com os vídeos coisas sobre temas da escola.*

### **Guião da entrevista – Lara Póvoa**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 11 h 47 Fim da conversa: 11 h 53 Duração: 6 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Lara Beatriz de Oliveira Póvoa

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 05 / 06 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Lara, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho bem porque são giras.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim consigo aprender com as músicas nos vídeos como aquelas sobre o Pai Natal e sobre a higiene também.*

### **Guião da entrevista – Leonardo Pinto**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 11 h 54 Fim da conversa: 11 h 59 Duração: 5 minutos

## Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Leonardo Rafael Ferreira Pinto

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 15 / 08 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

## Parte III - Questões da entrevista

1. Leonardo, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Gosto das músicas.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim aprendi, falamos do Pai Natal... das regras de higiene...*

### Guião da entrevista – Leonor Conde

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 14 h 21 Fim da conversa: 14 h 28 Duração: 7 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Leonor Monteiro Pereira Conde

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 11 / 05 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Paredes

Criança com NEE:  Sim  Não

#### Parte III - Questões da entrevista

1. Leonor, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*É bom porque ficamos mais sossegados.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Acho interessante porque há músicas com vídeo que mostram as coisas de maneira mais interessante e assim podemos falar sobre o vídeo no final. Há músicas onde aprendi muitas coisas, os nomes das coisas, as regras de higiene...*

### **Guião da entrevista – Margarida Gomes**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 12 h 13 Fim da conversa: 12 h 16 Duração: 3 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Margarida Pinto Gomes

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 23 / 09 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Margarida, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*É fixe porque são giras as músicas e ajudam a manter o silêncio.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim por exemplo como se trata dos animais e mais coisas.*

### **Guião da entrevista – Maria João Oliveira**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9 h 24 Fim da conversa: 9 h 28 Duração: 4 minutos

## **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Maria João Sousa Oliveira

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 17 / 04 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

## **Parte III - Questões da entrevista**

1. Maria, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Nas tarefas acho que ajuda a ficar-mos mais concentrados e a sala fica mais em silêncio.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim, esses vídeo são giros e importantes para nós porque alguns tem haver com as matérias e assim aprendemos mais.*

### **Guião da entrevista – Matilde Silva**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 12 h 05 Fim da conversa: 12 h 11 Duração: 6 minutos

## **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Matilde Ferreira da Silva

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 06 / 03 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Matilde, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho que ficamos mais concentrados e em silêncio.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim aprendo coisas novas porque as músicas falam das coisas da escola, eu adoro e acho giro.*

### **Guião da entrevista – Miguel Vieira**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9 h 10 Fim da conversa: 9 h 14 Duração: 4 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Miguel de Melo Vieira

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 11 / 07 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Miguel, às vezes é colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho bem eu gosto ao ouvir sons fico mais concentrado e atento. A música tem o seu valor.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Aprendemos, por exemplo com as músicas sobre o Natal e sobre a higiene eles ajudam aprender de forma divertida.*

### **Guião da entrevista – Pedro Guilherme Teixeira**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 15 h 57 Fim da conversa: 16 h 00 Duração: 3 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Pedro Guilherme Carneiro Geraldês Valinas Teixeira

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 02 / 08 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Pedro, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Adoro porque gosto muito de música. Ficamos mais sossegados com as músicas sem vídeo.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim aprendi, penso com a música e aprendo o que ela diz.*

### **Guião da entrevista – Sofia Carvalho**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 11 h 59 Fim da conversa: 12 h 04 Duração: 5 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Sofia Teles de Carvalho

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 17 / 12 / 2008

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Sofia, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho fixe porque gosto.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim há músicas que ensinam coisas e que dão para cantar e dançar e eu gosto muito de cantar.*

### **Guião da entrevista – Tomás Neto**

#### **Parte I – Informações sobre a entrevista**

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 9 h 46 Fim da conversa: 9 h 51 Duração: 5 minutos

#### **Parte II - Caracterização da criança**

Nome completo: Tomás Barbosa Neto

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 15 / 10 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Paredes

Criança com NEE:  Sim  Não

### **Parte III - Questões da entrevista**

1. Tomás às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Acho bem porque o som é bonito e consigo concentrar-me nas tarefas.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim aprendi alguma coisa.*

### Guião da entrevista – Válder Miranda

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 17 h 06 Fim da conversa: 17 h 09 Duração: 3 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Válder Tomás Mendes Miranda

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 21 / 08 / 2009 Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

#### Parte III - Questões da entrevista

1. Válder, às vezes colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Enquanto estou nas tarefas gosto da música porque a sala fica em silêncio e concentro-me melhor.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim aprendo os meses do ano por exemplo,*

### Guião da entrevista – Vera Letícia Ribeiro

#### Parte I – Informações sobre a entrevista

Data: 12 / 12 / 2016 Local: Corredor da instituição, situado em frente à sala da turma (sofá).

Início da conversa: 16 h 51 Fim da conversa: 16 h 57 Duração: 6 minutos

#### Parte II - Caracterização da criança

Nome completo: Vera Letícia Santos de Azevedo Ribeiro

Escola: Centro Escolar de Penafiel

Ano: 2.º Turma: F

Data de nascimento: 03 / 06 / 2009

Idade: 7 anos

Concelho de residência: Penafiel

Criança com NEE:  Sim  Não

**Parte III - Questões da entrevista**

1. Letícia, às vezes é colocamos música na nossa sala. O que achas disso?

*Gosto, concentramo-nos melhor e há mais silêncio na sala.*

2. E os vídeos com música? Aprendeste alguma coisa?

*Sim aprendi e gosto das músicas porque aprendemos sobre muitas coisas, as amizades, o S. Martinho.... Muitas coisas.*

## Apêndice II – Nota de Campo 1

Situação: **Motivação inicial para o tema da aula de português**

Data: **24 de outubro de 2016**

Hora: **9h15 às 9h30**

Local: **Sala de aula**

Intervenientes: **Alunos do 2º F**

Sexo: **Feminino e Masculino**

Idade: **6/7 anos**

**Descrição:** Após um breve diálogo com as crianças é colocado um vídeo musical: “O mar enrola na areia” com o objetivo de motivá-las e despertar atenção para o tema que será desenvolvido a seguir (texto – *A Menina do Mar*).

**Observação:** Quando as estagiárias disseram que iam colocar um vídeo surgiram as primeiras manifestações – em conjunto: *eeehhh*; a M. disse: *um vídeo que giro, é sobre quê*; é colocado o vídeo e as crianças começam a cantarolar ao ritmo da música seguindo a leitura da letra da música. Termina a música e a estagiária pergunta: *Será que conseguem adivinhar o tema do texto para hoje?* P. responde: *já sei, é sobre o mar...*

**Comentário:** Esta situação permite concluir que o grupo ficou motivado e predisposto aprender assim como conseguiram prever qual ser o tema da aula.

Também foi possível entender os alunos não estavam habituados a contactar com este tipo de recurso.

Foi possível interligar a música com a área do português, pois foi possível compreender o texto, antecipar o conteúdo e ainda realizar leitura em voz alta

## Apêndice III – Nota de Campo 2

Situação: **Audição da música “12 meses a rodar” do CD *As Canções da Maria***

Data: **25 de outubro de 2016**

Hora: **11h10 às 12h10**

Local: **Sala de aula**

Intervenientes: **Alunos do 2º F**

Sexo: **Feminino e Masculino**

Idade: **6/7 anos**

**Descrição:** Audição de uma música e posterior leitura da letra da mesma, pois será este o texto a desenvolver na ficha de trabalho de português.

**Observação:** A maioria das crianças ouve a música silenciosamente mas o T. disse: *Isto são os meses do ano?* Interrompendo o P. disse: *Claro não estás a ouvir?* E a Lara *Shiuuuu, deixem ouvir a música.*

Terminada a músicas as estagiárias entregam a ficha de português aos alunos, rapidamente a L. diz: *O texto é a letra da música... que giro* e prossegue-se para a leitura do texto, quando a M. diz: *Joana, no final da leitura podemos ouvir a música outra vez? É que assim já sabemos cantar...* No final das leituras coloca-se a música em tom baixinho enquanto as crianças realizam os exercícios de interpretação e gramaticais da ficha.

**Comentário:** Esta situação permite concluir novamente que o grupo ficou motivado e predisposto aprender. Foi oferecido às crianças uma forma diferente de ouvir o texto o que despertou atenção das mesmas.

Ao receber as fichas, algumas delas notaram de imediato que era a letra da música, o que mostra que elas estavam atentas e interessadas.

Foi possível interligar a música com a área do português, pois foi possível compreender o texto, transmitir informações essenciais do texto, antecipar o conteúdo e ainda realizar leitura em voz alta

---

## Apêndice IV – Nota de Campo 3

Situação: **Audição de música clássica (instrumental) durante a realização de uma ficha de matemática**

Data: **31 de outubro de 2016**

Hora: **11h10 às 12h10**

Local: **Sala de aula**

Intervenientes: **Alunos do 2º F**

Sexo: **Feminino e Masculino**

Idade: **6/7 anos**

**Descrição:** Após uma breve explicação da ficha a realizar (matemática) é colocada música ambiente, neste caso – Beethoven, até ao final da realização da mesma.

**Observação:** quando as crianças iniciam a realização da ficha ouve-se um burburinho na sala, a dada a altura é colocada a música, e alguns elementos riem, gozando com a música que ouviam, a J. disse: *Que música pirosa, ahahahh* e o J. continuou *Ponha a música do Despachito...* coloquei em pausa e expliquei: *Meninos terão tempo para ouvir outras músicas mas agora tem uma tarefa para realizar e se ouvirem com atenção vão ver que se conseguem concentrar melhor nos exercícios. É com estas músicas que eu estudo! Vamos experimentar novamente?* Em coro: *Sim...*

Novamente é colocada a coisa e a sala estava em silêncio, até para tirar dúvidas as crianças falavam baixinho.

Quando alguns alunos terminaram a ficha o burburinho voltou e agora é desligada a música pois ainda se tornava mais confuso.

**Comentário:** Esta situação permite concluir que as crianças não estavam acostumadas a ouvir música clássica, no entanto, depois de uma breve explicação, conseguiu-se o pretendido, o equilíbrio da sala, silêncio no decorrer da realização da ficha, acho este aspeto muito importante pois nos dias de hoje torna-se muito complicado manter o silêncio nas salas de aula. No entanto, nem sempre o resultado foi positivo, este tipo de música resulta apenas durante a realização das tarefas, pois quando as crianças começaram a entregar as fichas o burburinho voltou. Mesmo assim constatou-se que este recurso foi uma mais-valia para a realização da ficha.

---

## Apêndice V – Nota de Campo 4

Situação: **Audição da música “Castanhas, castanhas” como forma de antecipação ao tema – Outono**

Data: **14 de novembro de 2016**

Hora: **9h15 às 9h30**

Local: **Sala de aula**

Intervenientes: **Alunos do 2º F**

Sexo: **Feminino e Masculino**

Idade: **6/7 anos**

**Descrição:** Após um breve diálogo de “bons dias” é colocada a música “Castanhas, castanhas”, com esta música pretende-se antecipar o tema da aula – outono; assim como auxiliar os alunos na realização de um acróstico a partir da palavra castanha

**Observação:** estando mais ambientadas à presença da música quando a Flávia disse: *Vou colocar uma música que terão de ouvir com muita atenção pois no final vamos fazer perguntas.* Em coro responderam: *eehhh! E o J. diz: é sobre quê a música?* E a Flávia responde *Escuta com atenção que descobrirás rapidamente.* As crianças ouviram a música com atenção e nem esperam pela pergunta, no final da música a S. disse: *Já sei é sobre o S. Martinho...* e a L. continuou: *Ou sobre o Outono...*

**Comentário:** Esta situação permitiu motivar os alunos, cativar a sua atenção para o resto da aula assim como permitiu antecipar o tema, em geral as crianças demonstraram mais uma vez interesse pela música e reconheceram o tema sem grandes dificuldades. Mais tarde também verifiquei que algumas crianças aproveitaram ideias da música para realizar o acróstico o que demonstra o desenvolvimento de algumas aprendizagens.

---

## Apêndice VI – Nota de Campo 5

Situação: **Visualização do vídeo musical “Par ou ímpar” de Maria Vasconcelos para enriquecer a aprendizagem no novo conteúdo – números pares e números ímpares.**

Data: **21 de novembro de 2016**

Hora: **14h10 às 14h20**

Local: **Sala de aula**

Intervenientes: **Alunos do 2º F**

Sexo: **Feminino e Masculino**

Idade: **6/7 anos**

**Descrição:** Visualização da Vídeo Musical “Par ou ímpar” aquando do desenvolvimento deste novo conteúdo (os números pares e ímpares), no decorrer de uma matéria nova.

**Observação:** Após a visualização do vídeo a estagiária pergunta: *Depois deste vídeo já sabem responder às minhas questões. Então quais são os números pares?* Em coro responderam: 0, 2, 4, 6, 8. Estagiária: *Muito bem. E se tivermos um número muito grande, por exemplo 18952368, como sabemos se é par ou ímpar?* Rapidamente o P. responde: *É fácil, temos de ver se termina com um número par.* Estagiária: *Concordam?* Em coro: *Siiim!* Estagiária: *Então o número 18952368 é?* Em coro: *Par.* Estagiária: *E os números ímpares quais são?* Respondem em coro: *1,3,5,7 e 9.* Estagiária: *Muito bem. E será que podemos dividir os números ímpares a meio?* Responde a L.: *Não porque só os números pares é que dão dois números inteiros.*

**Comentário:** Esta situação permitiu distinguir os números pares dos números ímpares através das animações audiovisuais assim como identificar um número par como uma soma de parcelas iguais, ou seja, a música esteve em interdisciplinaridade com a área da matemática. O recurso a este instrumento também favoreceu o empenho e a participação nas atividades propostas.

## **Apêndice VII – Guião da Entrevista/Conversa Informal**

O presente documento foi construído no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, lecionado no Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, e tem como objetivo recolher informação sobre a opinião de um profissional relativamente à potencialidade da Música como integradora do currículo escolar.

### **Habilitações académicas?**

Licenciado em Professor do Ensino Básico 2º ciclo na variante de Educação Física.

Especializado em Observação e Análise do Movimento.

Especializado em Metodologia do treino.

Frequência do 3º ano do Curso Superior de Direito.

4º grau do Conservatório Regional de Música de Coimbra.

18 anos de experiência.

### **No que concerne à área da música, em que medida encara essa área importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança?**

Durante estes anos fui descobrindo que o conhecimento de músicas populares de uma educação popular feita no seio familiar conduz as crianças de forma mais ou menos habilidosas. Os que cantam melhor com o método que criei, são os que conseguem ler melhor. A divisão silábica, o ritmo da palavra, a consciência fonológica, o raciocínio matemático composto pelo compasso e a duração das figuras musicais transforma a criança numa poderosa máquina intelectual. O brincar com sons e a memória desses sons com o código linguístico é a melhor arma no processo da leitura/escrita. As próprias vogais/consoantes só ganham vida com o som. A forma escrita das letras acabam por ter som... as curvas das letras, têm sons em silêncio... no meu método trabalho sons de animais, ruídos com a forma escrita... os gestos, a dança andam associados à forma escrita, isto muitas vezes com o próprio vocabulário escrito com o corpo. Não é novidade que o método de Jean Qui Rit foram as sementes para outros métodos. Hoje teremos de pegar nessa semente e construir um mundo atualizado para as nossas crianças.

A música é indissociável das restantes áreas: tem matemática, começa logo com a divisão fracionária dos compassos e a duração das figuras e um excelente treino para ser um grande matemático. Na poesia, na canção, no processo da leitura/ escrita a música é a base com a memória dos sons e das letras. A pintura anda muitas vezes associada ao som...as consoantes/vogais são pequenos retratos feitos de sons. As figuras musicais além de uma linguagem matemática são formas de pintura...desenhar figuras musicais é pintar, construir esquemas. Depois é uma linguagem universal, pois é conhecida por todos do planeta Terra. É a forma de comunicação mais conhecida. A literatura é algo que só se bebe, que nos desperta e acorda se as palavras que constituem os textos forem construídas com musicalidade. O Estudo do Meio com o trabalho de sons da natureza (animais, objetos...) é mais fácil de transportar para dentro da sala de aula. Hoje a música está nas disciplinas mais modernas como a Multimédia. O que seria dos professores sem o som, a imagem e o movimento? Nas várias disciplinas modernas como a Programação está a música.

No decorrer das aulas costumo utilizar a Música como meio interdisciplinar na abordagem dos conteúdos de outras áreas (Português, Matemática, Estudo do Meio, Conhecimento do Mundo, etc.) Desde que cheguei ao 1º ciclo, que criei e tenho melhorado cada ano que passa um método original, baseado em Jean Qui Rit. É um método misto com introdução de figuras, instrumentos, composições musicais, matemática, Estudo do Meio e Português e Desporto. Na Matemática abordo o estudo das frações com pautas de música...construo karaokes de poesias dos manuais, faço composições musicais dos textos abordados em sala de aula...canto em karaoke as tabuadas...utilizo a música na dança e com gestos de dramatização. O teatro, a dança são disciplinas muito agarradas à música.

O professor do 1º ciclo tem que ser um conhecedor de todo o mundo do saber. É um universo de conhecimento e sempre aberto. Mas reconheço que o amor ao saber, uma determinada filosofia acaba por nos conduzir em determinados temas que gostamos mais. O mundo que transportamos, as nossas experiências em determinados temas disciplinares conduzem a abordar as matérias de uma determinada forma, mas nunca fugimos das planificações curriculares a abordar. O objetivo de transmitir a matéria é realizado...o que acontece muitas vezes é abordar esse conteúdo com uma área que é mais agradável ao

aluno e então saio da aula para dar a divisão, as medidas de comprimento com desporto...ou utilizo a música para dar as medidas de capacidade...ou utilizo o teatro para abordar um determinado texto na aula...mas não é influência, é transportar de forma mais suave a matéria ao aluno.

Obrigada pela colaboração.

Joana Mendes